

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE  
DO JURUENA  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**CUSTO DE PRODUÇÃO DO GADO DE CORTE NELORE DE  
12 A 36 MESES: ESTUDO DE CASO NO SÍTIO UNIÃO  
CAIABI JUINA - MT**

**Autor: Alexsandro Arcanjo Arrias de Souza**

**Orientadora: Ms. Cleiva Schaurich Mativi**

**JUINA - MT  
2009**

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE  
DO JURUENA  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**CUSTO DE PRODUÇÃO DO GADO DE CORTE NELORE DE  
12 A 36 MESES: ESTUDO DE CASO NO SÍTIO UNIÃO  
CAIABI JUINA - MT**

**Autor: Alexsandro Arcanjo Arrias de Souza**

**Orientadora: Ms. Cleiva Schaurich Mativi**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Contábeis, da Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Ciências Contábeis.

**JUINA - MT  
2009**

**AJES - FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO DO VALE  
DO JURUENA  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Ms. Ahiram Cardoso Silva Lima**

---

**Ms. Cynthia Cândida Corrêa**

---

**ORIENTADORA**  
**Ms. Cleiva Schaurich Mativi**

Dedico este trabalho de conclusão do curso aos meus pais, Heribaldo e Sonia, aos meus irmãos, Angela e André, aos meus cunhados Fernando e Ivone, aos meus sobrinhos Brenda, Andrei Bruno e Ivan e amigos que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por ter promovido à oportunidade de estar no mundo, e ter colocado no meu caminho pessoas boas, que ajudaram em todas as realizações de minha vida acadêmica.

Aos meus pais, que são uma fonte de inspiração de vida, de determinação e trabalho, onde me ensinaram a acreditar que tudo é possível basta ter força e coragem para alcançar os objetivos, mostrando que a persistência e honestidade são as ferramentas ideais para atingirmos nossas metas.

Aos meus irmãos, Angela e André que sempre estiveram presentes em todas as etapas e obstáculos que tenho superado.

Os amigos da graduação pela amizade, apoio e companheirismo nos trabalhos e provas. Em modo especial aos meus amigos Eloadir, Edson, Leandro, Taciany e Tatiane que nunca irei esquecer que foram pessoas que fizeram valer a pena cada minuto da amizade.

Agradeço também aos professores com os quais tive a oportunidade de aprender e a descobrir esse mundo da Contabilidade.

De maneira especial a professora e minha orientadora Cleiva Schaurich Mativi.

Enfim a todos que de uma maneira ou outra estiveram ao meu redor para ajudar e motivar nas horas difíceis.

Para conhecermos os amigos é necessário passar pelo sucesso e pela desgraça. No sucesso, verificamos a quantidade e, na desgraça, a qualidade. (K'ung Chung-ni).

## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade abordar o Custo de Produção do Gado de Corte na Área da Engorda Extensiva no Sítio União Caiabi, objetivando demonstrar a importância da Contabilidade de Custos como ferramenta de gerenciamento na pecuária de corte. Esta pesquisa, de acordo com seus objetivos, classifica-se como quantitativa, de caráter exploratório descritivo. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos e estudo de caso, analisando um lote de 200 (duzentas) cabeças de bovinos destinados para corte da Raça Nelore. Utilizou-se para atingir a finalidade desta pesquisa planilhas de Excel, onde estão apresentados os custos para a produção do gado de corte nelore. Verificou-se que a Contabilidade de Custos proporciona um controle de maneira mais segura para tomar decisões, demonstrando para os empresários rurais, qual será o modo mais eficaz de definir metas, objetivos e estabelecer prioridades atuais ou futuras, confirmando assim a hipótese de que a Contabilidade de Custos possui instrumentos que contribuem para o processo decisório direto e para uma melhor produtividade da pecuária do gado de corte nelore. Sendo que o objetivo principal da Contabilidade de Custos é produzir informações que atendam as necessidades da administração: determinação da rentabilidade, controle das operações, planejamento e tomada de decisões.

**Palavras-chave:** Custo de produção. Pecuária de corte. Tomada de decisão.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|         |                                                              |
|---------|--------------------------------------------------------------|
| ABC     | Método de Custeio Baseado em Atividades                      |
| ABIEC   | Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes  |
| CODEMAT | Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso                  |
| FAMATO  | Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Mato Grosso |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística              |
| INDEA   | Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso              |
| USDA    | Departamento de Agricultura dos Estados Unidos               |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                         |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Maiores Rebanhos Bovinos do Mundo (em milhões de cabeças).....                               | 20 |
| Tabela 2 - Produção de Carne Bovina (milhões de ton.).....                                              | 21 |
| Tabela 3 - Países Líderes nas Exportações de Carne Bovina no Mundo (toneladas equivalente carcaça)..... | 22 |
| Tabela 4 - Concentração do Rebanho no Estado de Mato Grosso.....                                        | 23 |
| Tabela 5 - Juína: Número de Propriedades Rurais, Rebanho Bovino 2006.....                               | 24 |
| Tabela 6 - Custos de Produção do Sítio União Caiabi.....                                                | 58 |
| Tabela 7 - Custos de Produção do Sítio União Caiabi.....                                                | 61 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Análise dos Custos Fixos Totais e Unitários.....     | 36 |
| Figura 2 - Análise dos Custos Variáveis Totais e Unitários..... | 37 |
| Figura 3 – Resultado no Custeio por Absorção.....               | 38 |
| Figura 4 – Ponto de Equilíbrio.....                             | 42 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Nomenclaturas Utilizadas em Custos..... | 32 |
| Quadro 2 – Nomenclaturas de Custos.....            | 33 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Depreciação.....      | 59 |
| Gráfico 2 – Custos Fixos.....     | 59 |
| Gráfico 3 – Custos Variáveis..... | 60 |

## SUMÁRIO

|                                                               |           |
|---------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                     | <b>15</b> |
| <b>1.1 Contextualização.....</b>                              | <b>15</b> |
| <b>1.2 Problema da pesquisa.....</b>                          | <b>16</b> |
| <b>1.3 Hipótese da pesquisa .....</b>                         | <b>16</b> |
| <b>1.4 Objetivos.....</b>                                     | <b>17</b> |
| 1.4.1 Objetivos gerais.....                                   | 17        |
| 1.4.2 Objetivos específicos.....                              | 17        |
| <b>1.5 Delimitação da pesquisa.....</b>                       | <b>18</b> |
| <b>1.6 Justificativa.....</b>                                 | <b>18</b> |
| <b>1.7 Estrutura do Trabalho.....</b>                         | <b>19</b> |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                            | <b>20</b> |
| <b>2.1 Atividade da Pecuária de Corte no Brasil.....</b>      | <b>20</b> |
| <b>2.2 Atividade da Pecuária de Corte no Mato Grosso.....</b> | <b>22</b> |
| <b>2.3 Atividade da Pecuária de Corte em Juina.....</b>       | <b>24</b> |
| <b>2.4 Contabilidade.....</b>                                 | <b>25</b> |
| 2.4.1 Definição da Contabilidade.....                         | 25        |
| 2.4.2 Objetivo da Contabilidade.....                          | 26        |
| 2.4.3 Usuários da Contabilidade.....                          | 26        |
| 2.4.4 Classificação da Contabilidade .....                    | 27        |
| 2.4.4.1 Contabilidade Financeira.....                         | 27        |
| 2.4.4.2 Contabilidade Gerencial.....                          | 28        |
| 2.4.4.3 Contabilidade Custo.....                              | 29        |
| 2.4.5 Contabilidade de Rural.....                             | 29        |
| <b>2.5 Contabilidade de custos.....</b>                       | <b>30</b> |
| 2.5.1 Definição.....                                          | 30        |
| 2.5.2 Objetivos da Contabilidade de Custos.....               | 31        |
| 2.5.3. Nomenclatura em custos.....                            | 32        |
| 2.5.4 Classificação dos custos.....                           | 35        |
| 2.5.4.1 Custos Diretos.....                                   | 35        |
| 2.5.4.2 Custos Indiretos.....                                 | 35        |

|                                                                             |           |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 2.5.4.3 Custos Fixos.....                                                   | 36        |
| 2.5.4.4 Custos Variáveis.....                                               | 36        |
| 2.5.5. Método de Custeio .....                                              | 37        |
| 2.5.5.1 Método de Custeio Direto ou Custeio Variável.....                   | 37        |
| 2.5.5.2 Método de Custeio por Absorção.....                                 | 38        |
| 2.5.5.3 Método de Valor do Mercado.....                                     | 39        |
| 2.5.5.4 Método de Custeio Baseado em Atividades (ABC).....                  | 39        |
| 2.5.5.5 Custo Padrão.....                                                   | 40        |
| <b>2.6 Análise de Rentabilidade.....</b>                                    | <b>40</b> |
| 2.6.1 Margem de Contribuição.....                                           | 41        |
| 2.6.2 Ponto de Equilíbrio.....                                              | 41        |
| 2.6.3 Margem de Segurança.....                                              | 42        |
| 2.6.4 Alavancagem Operacional.....                                          | 43        |
| <b>2.7 Empresa Rural.....</b>                                               | <b>43</b> |
| 2.7.1 Atividade da Empresa Rural.....                                       | 44        |
| 2.7.1.1 Pastagens.....                                                      | 44        |
| 2.7.2 Tipos de atividade pecuária.....                                      | 47        |
| 2.7.2.1 Cria.....                                                           | 48        |
| 2.7.2.2 Recria.....                                                         | 48        |
| 2.7.2.3 Engorda.....                                                        | 49        |
| 2.7.3 Sistema de criação.....                                               | 49        |
| 2.7.3.1 Sistema intensivo.....                                              | 49        |
| 2.7.3.2 Sistema extensivo.....                                              | 50        |
| 2.7.3.3 Semi – intensivo.....                                               | 50        |
| <b>3 METODOLOGIA .....</b>                                                  | <b>52</b> |
| <b>3.1 Caracterização da pesquisa.....</b>                                  | <b>52</b> |
| <b>3.2 Delimitação do estudo e amostragem.....</b>                          | <b>53</b> |
| <b>3.3 Metodologia de pesquisa.....</b>                                     | <b>54</b> |
| <b>3.4 Protocolo de pesquisa.....</b>                                       | <b>54</b> |
| 3.4.1. Da coleta de dados.....                                              | 54        |
| 3.4.2 Descrição detalhada do lote de animais que será estudado.....         | 54        |
| 3.4.3 Critérios de custo que serão analisados durante o estudo de caso..... | 55        |

|                                       |           |
|---------------------------------------|-----------|
| <b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b> | <b>57</b> |
| <b>5 CONCLUSÃO.....</b>               | <b>64</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>              | <b>65</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                 | <b>68</b> |

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 Contextualização**

Atualmente a pecuária de corte nelore está entre os principais setores da economia brasileira. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes – ABIEC (2009), “bovinocultura de corte representa a maior fatia do agronegócio brasileiro, gerando faturamento de mais de R\$ 50 bilhões/ano e oferecendo cerca de 7,5 milhões de empregos”.

O Brasil é possuidor de um dos maiores rebanhos bovino do mundo, com gado selecionado e de alta genética, produzindo carne de qualidade, portanto, a pecuária representa uma atividade econômica de grande relevância.

A produção do gado de corte nelore é uma atividade muito utilizada na região noroeste do Mato Grosso e constata-se que existem algumas deficiências de gestão de resultado econômico e financeiro para o desenvolvimento dessa atividade.

Juína possui vários pecuaristas e apesar de representativo na região este setor enfrenta dificuldades, como a comercialização do produto e, em virtude da atual crise econômica, a elevação dos custos de produção, tornando a concorrência cada dia mais acirrada, além do fato de que o consumidor é consciente dos seus direitos e tornou-se mais exigente.

Diante do exposto, são necessárias ferramentas que possibilitem aos pecuaristas bases sólidas e de confiança para a tomada de decisão precisa e eficiente para o alcance de melhor produtividade

Sendo assim, os conhecimentos da Contabilidade de Custos são importantes uma vez que apresentam os modos para identificar, mensurar e controlar os custos de produção na atividade de pecuária de corte.

## 1.2 Problema da pesquisa

De acordo com Gil, (2002, p.26) toda pesquisa inicia com um problema:

Toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema, ou indagação. Todavia, a conceituação adequada de problema de pesquisa não constitui tarefa fácil, em virtude das diferentes acepções que envolvem este termo.

As leituras sobre o tema em questão têm evidenciado que os pecuaristas em geral não possuem uma metodologia ou utiliza-se de uma planilha de apropriação de custos, o que segundo autores consagrados pode levar às decisões impróprias.

Diante do exposto, questiona-se:

Como as ferramentas da Contabilidade de Custos poderão contribuir para o conhecimento adequado dos custos incorridos na atividade de pecuária de corte nelore?

## 1.3 Hipótese da pesquisa

De Cervo, Bervian (2002, p.86) cita as hipóteses:

A hipótese consiste em supor conhecida a verdade ou explicação que se busca. Em linguagem científica, a hipótese equivale, habitualmente, à suposição verossímil, depois comprovável ou denegável fatos os quais hão de decidir, em última instância, sobre a verdade ou falsidade dos fatos que se pretende explicar.

H1 - A Contabilidade de Custos possui instrumentos que contribuem para o processo decisório direto e para uma melhor produtividade da pecuária do gado de corte nelore.

H2 - Os instrumentos da Contabilidade de Custos não são suficientes para subsidiar o processo decisório na pecuária do gado de corte nelore.

## 1.4 Objetivos

### 1.4.1 Objetivo geral

Para Silva (2008, p.51) esse é parte que deve ser evidenciado o objetivo da pesquisa:

Nessa parte do projeto, devem ficar evidente quais os propósitos da pesquisa. O objetivo (ou objeto) do estudo deverá ser definido de forma mais evidente possível, para indicar, com clareza, o propósito do estudo. O objetivo geral é construído em uma frase ou parágrafo. Sugere-se a utilização dos verbos no infinitivo para a descrição do objetivo.

Demonstrar como utilizar as ferramentas de Contabilidade de Custos na atividade pecuária de corte nelore.

### 1.4.2 Objetivos específicos

Segundo Lakatos (2006, p. 221), “apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, do outro, aplicá-lo a situações particulares.

- Caracterizar a atividade de pecuária de corte.
- Identificar quais são os custos de produção destinados para o corte da raça nelore.
- Analisar os custos e seus impactos na rentabilidade da produção do gado de corte na entidade em estudo;
- Orientar os custos controláveis;

## **1.5 Delimitação da pesquisa**

De acordo com Silva, (2008 p. 44), “delimitar significa pôr limite, isto é, determinar a profundidade, abrangência e extensão do assunto”.

Análise dos custos de produção do gado de corte nelore de 12 a 36 meses, no período de janeiro de 2006 a dezembro de 2008, através do estudo de caso no Sítio União Caiabi Juina – MT.

O universo deste estudo é, portanto, um fator limitante às generalizações, contudo, proporciona bases para futuras pesquisas e outras realidades produtivas.

## **1.6 Justificativa**

Pretendeu-se verificar com essa pesquisa a importância da Contabilidade de Custo na atividade rural, servindo não somente para apurar imposto, mas sim como uma ferramenta de grande auxílio aos processos decisórios para os pecuaristas. Utilizar a Contabilidade de Custos possibilita mesmo na sua fórmula mais simples a formação de preço do produto.

A Contabilidade de Custos proporciona ainda um controle de maneira mais segura para tomar decisões, demonstrando para os empresários rurais, qual será o modo mais eficaz de definir metas, objetivos e estabelecer prioridades atuais ou futuras.

Segundo Lakatos (2006, p.221) define:

É o único item do projeto que apresenta resposta a questões (por quê?). De suma importância, geralmente é o elemento que contribui mais diretamente na aceitação da pesquisa pela pessoa ou entidade que vai financiá-la. Consiste numa exposição sucinta, porém completa, razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa.

## **1.7 Estrutura do trabalho**

Para melhor entendimento do leitor, apresenta-se aqui a divisão do trabalho, onde será organizado em capítulo. No primeiro capítulo foi demonstrada a introdução do problema, o porquê da escolha desse tema. Logo após, o problema que foi observado e deverá ser abordada a hipótese, os objetivos gerais e específicos, a justificativa.

No segundo capítulo foi abordado o referencial teórico, sendo utilizados alguns autores que auxiliaram na resposta do problema que foi abordado, e deram suporte para elaborar a monografia.

No terceiro capítulo abordou-se a metodologia utilizada, como pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos e a utilização de planilhas de Excel, onde foram apresentados os custos para a produção do gado de corte.

No quarto capítulo realizou-se a análise dos resultados obtidos através do referencial teórico pesquisado e dos dados coletados pesquisa de campo no sítio União Caiabi.

No quinto capítulo apresentou a conclusão final do trabalho.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Atividade da Pecuária de Corte no Brasil

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes – ABIEC (2009) o Brasil tem um rebanho bovino de cerca de 190 milhões de cabeças, em contínuo crescimento e tem apresentado avanços nos índices de produtividade. O custo de produção do bovino brasileiro se situa dentre os mais baixos do mundo, o que traz uma grande vantagem competitiva.

Tal atividade é caracterizada pela criação de animais a pasto, ou pelo sistema intensivo ou semi-intensivo, tornando assim o Brasil um dos maiores rebanhos comercial do mundo, superando o indiano e o chinês. É composto por cerca de 80% de animais de raças zebuínas (*Bos indicus*) e de 20% de raças taurinas (*Bos taurus*)”.

TABELA 1 - Maiores Rebanhos Bovinos do Mundo (em milhões de cabeças)

| País           | 2004         | 2005         | 2006         | 2007         | 2008(1)      | CAGR        |
|----------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------|
| Índia(2)       | 283,1        | 282,5        | 282,3        | 282,0        | 281,7        | -0,1%       |
| <b>Brasil</b>  | <b>165,5</b> | <b>169,6</b> | <b>173,8</b> | <b>180,3</b> | <b>187,2</b> | <b>3,1%</b> |
| China          | 134,7        | 137,8        | 140,4        | 139,4        | 140,2        | 1,0%        |
| Estados Unidos | 94,9         | 95,4         | 96,7         | 97,0         | 96,9         | 0,5%        |
| União Européia | 90,4         | 89,3         | 89,4         | 88,3         | 87,8         | -0,7%       |
| Argentina      | 50,8         | 50,2         | 50,2         | 51,2         | 51,3         | 0,2%        |
| Austrália      | 26,6         | 27,3         | 27,8         | 28,6         | 28,4         | 1,7%        |
| México         | 28,4         | 27,6         | 27,0         | 26,3         | 26,2         | -2,0%       |
| Rússia         | 22,3         | 21,1         | 19,9         | 19,0         | 18,3         | -4,8%       |
| África do Sul  | 13,5         | 13,5         | 13,8         | 13,9         | 14,2         | 1,3%        |
| Canadá         | 14,6         | 14,9         | 14,7         | 14,1         | 13,7         | -1,6%       |
| Outros         | 61,4         | 58,0         | 57,0         | 55,9         | 49,6         | -5,2%       |
| <b>Total</b>   | <b>986,1</b> | <b>987,2</b> | <b>992,8</b> | <b>996,1</b> | <b>995,4</b> | <b>0,2%</b> |

Fonte: Independência, 2009 *apud* USDA

(1) Estimativa.

(2) Rebanho não comercial. Obs: CAGR: Taxa Composta de Crescimento Anual

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2006) a atividade pecuária brasileira ostenta o maior rebanho comercial do mundo, cerca de 205,9 milhões de cabeças. O Brasil ocupa a posição de o segundo maior

produtor mundial de bovinos no mundo ficando atrás somente da Índia (USDA, 2007).

No Brasil a área destinada à pecuária extensiva, segundo o IBGE (2007), é de 225 milhões de hectares. Também é possível agregar mais produtividade a criação do gado sem recorrer ao confinamento. Como fazem os Estados Unidos e Austrália, países que compensam o tamanho relativamente pequeno do rebanho com a redução do tempo de engorda para até 20 meses, sendo que na criação extensiva o prazo é de três anos.

O rebanho bovino do Brasil é explorado para dois fins: leite e corte. A produção de leite vem em primeiro lugar e após as vendas dos bezerros, também conhecidos como “machos leiteiros” para recria e engorda como gado de corte. Esses bezerros não recebem nenhum tratamento especial, muitas das vezes atrasando o preparo para a venda do boi de corte. A média para engorda pode levar de quatro a cinco anos para o abate com 15 ou mais arrobas (CREPALDI, 2006, p. 211).

#### .Agro carnes (2009):

Em 2001, as Importações brasileiras de Carne Bovina alcançaram 90 mil toneladas, enquanto suas Exportações chegaram a 500 mil toneladas, com valor aproximado de 1,0 bilhão de dólares. As exportações brasileiras de carne bovina (para 108 países) deverão ganhar força no ano 2002, em razão da possibilidade de o Brasil vir a suprir parte da demanda internacional atualmente atendida pelas exportações de países da União Européia, ainda às voltas com o problema da BSE - "Mal da Vaca Louca". O crescimento esperado poderá ser superior aos 20%.

TABELA 2 - Produção de Carne Bovina (milhões de ton).

| País                 | 2002        | 2003        | 2004        | 2005        | 2006        | 2007        | 2008        | CAGR        |
|----------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Estados Unidos       | 12,4        | 12,0        | 11,3        | 11,3        | 11,9        | 12,0        | 11,9        | -0,6%       |
| <b>Brasil</b>        | <b>7,2</b>  | <b>7,4</b>  | <b>8,0</b>  | <b>8,6</b>  | <b>8,9</b>  | <b>9,5</b>  | <b>9,9</b>  | <b>5,5%</b> |
| China                | 5,8         | 6,3         | 6,8         | 7,1         | 7,5         | 7,9         | 8,1         | 5,7%        |
| União Européia       | 8,1         | 8,1         | 8,0         | 7,8         | 7,9         | 8,0         | 7,9         | -0,4%       |
| Argentina            | 2,7         | 2,8         | 3,1         | 3,2         | 3,1         | 3,2         | 3,1         | 2,4%        |
| Índia                | 1,8         | 2,0         | 2,1         | 2,3         | 2,4         | 2,5         | 2,7         | 7,0%        |
| Austrália            | 2,1         | 2,1         | 2,1         | 2,1         | 2,2         | 2,3         | 2,1         | 0,1%        |
| México               | 1,9         | 2,0         | 2,1         | 2,1         | 2,2         | 2,2         | 2,2         | 2,5%        |
| Rússia, Federação da | 1,7         | 1,7         | 1,6         | 1,5         | 1,5         | 1,4         | 1,4         | -3,1%       |
| Canadá               | 1,3         | 1,2         | 1,5         | 1,5         | 1,4         | 1,4         | 1,3         | 0,6%        |
| África do Sul        | 0,6         | 0,6         | 0,7         | 0,7         | 0,7         | 0,7         | 0,7         | 2,8%        |
| Outros               | 3,8         | 3,8         | 3,9         | 3,8         | 3,8         | 3,7         | 3,4         | 1,2%        |
| <b>Total</b>         | <b>53,2</b> | <b>50,1</b> | <b>51,3</b> | <b>52,5</b> | <b>53,7</b> | <b>54,5</b> | <b>54,6</b> | <b>0,5%</b> |

Fonte: Independência, 2009 *apud* USDA

Obs: CAGR: Taxa Composta de Crescimento Anual

Rocha (2007):

A exportação de carne atingiu a marca de US\$ 902,9 milhões em junho, o que representa um aumento de 33% sobre os US\$ 678,9 milhões embarcados no mesmo mês de 2006. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, com exceção da carne bovina in natura, houve crescimento no total exportado de todos os tipos de carne.

O quadro abaixo descreve a evolução dos países líderes nas exportações de carne bovina de 2004 a 2008:

TABELA 3 - Países Líderes nas Exportações de Carne Bovina no Mundo (toneladas equivalente carcaça).

| País                | 2004         | 2005         | 2006         | 2007         | 2008<br>Nov(1) | CAGR          |
|---------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|----------------|---------------|
| <b>Brasil</b>       | <b>1.610</b> | <b>1.845</b> | <b>2.084</b> | <b>2.400</b> | <b>2.650</b>   | <b>13,27%</b> |
| Austrália           | 1.369        | 1.388        | 1.430        | 1.450        | 1.380          | 0,20%         |
| Índia(2)            | 492          | 617          | 681          | 725          | 800            | 12,92%        |
| Estados Unidos      | 209          | 317          | 519          | 650          | 776            | 38,81%        |
| Canadá              | 603          | 596          | 477          | 480          | 550            | -2,27%        |
| Argentina           | 616          | 754          | 552          | 525          | 535            | -3,46%        |
| Nova Zelândia       | 594          | 577          | 530          | 515          | 530            | -2,81%        |
| Uruguai             | 354          | 417          | 460          | 400          | 410            | 3,74%         |
| União Européia (27) | 363          | 253          | 216          | 175          | 175            | -16,67%       |
| China               | 52           | 76           | 85           | 99           | 102            | 18,34%        |
| México              | 19           | 32           | 39           | 45           | 45             | 24,06%        |
| Outros              | 133          | 99           | 37           | 53           | 45             | -23,73%       |
| <b>Total</b>        | <b>6.414</b> | <b>6.971</b> | <b>7.11</b>  | <b>7.517</b> | <b>7.998</b>   | <b>5,67%</b>  |

Fontes: Independência, 2009 *apud* USDA

(1) Estimativa.

(2) Inclui carne de búfalo. Obs: CAGR: Taxa Composta de Crescimento Anual

## 2.2 Atividade da Pecuária de Corte no Mato Grosso

O rebanho de bovinos mato-grossense é, atualmente, o maior do país, de acordo com Ferreira (2009):

[...] economia estadual é a pecuária, que tem o maior rebanho de bovinos do país, são aproximadamente 26 milhões de cabeças, Mato Grosso do Sul é o segundo colocado com 24 milhões. A implantação de indústrias frigoríficas no Estado aumentou a capacidade de abate, permitindo inclusive a exportação de determinados produtos industrializados pelo setor.

Conforme levantamento realizado pelo Instituto de Defesa Agropecuária do Mato Grosso (INDEA/MT), cerca de 12% do rebanho nacional, estando a maior parte do rebanho concentrado no norte e no sudeste do estado (MEISTER, 2007).

Mato Grosso conta com mais de 115 mil propriedades rurais voltadas à pecuária, são 26 milhões de cabeças bovinas, sendo que 98% são de gado de corte. A atividade gera cerca de 40 mil empregos diretos (IBGE, 2008).

No estado do Mato Grosso os principais produtores de carne bovina são os municípios de Cáceres, Juara, Vila Bela da Santíssima Trindade, Pontes e Lacerda, Alta Floresta e Vila Rica. (FERREIRA, 2009)

TABELA 4 - Concentração do Rebanho no Estado de Mato Grosso.

| Região                    | Percentual do Efetivo Total | Municípios com maior produção                                                                                                                            |
|---------------------------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Norte de Mato-grossense   | 38,20%                      | Juara (maior), Alta Floresta, Juína, Paranatinga, Colider, Nova Canaã do Norte, Brasnorte, Castanheira, Comodoro e Guarantã do Norte                     |
| Nordeste Mato-grossense   | 20,50%                      | Barra dos Garças, São José de Xingu, Água Boa, Vila Rica, Canarana, Cocalinho, Nova Xavantina, São Félix do Araguaia, Ribeirão Cascalheira e Araguaiana. |
| Sudoeste Mato-grossense   | 17,90%                      | Vila Bela da Santíssima Trindade, Pontes e Lacerda, Porto Espiridião, Barra do Bugres, Tangará da Serra e Araputanga.                                    |
| Centro-Sul Mato-grossense | 12,20%                      | Cáceres, Santo Antônio de Leverger e Poconé.                                                                                                             |
| Sudeste Mato-grossense    | 11,20%                      | Rondonópolis, Poxoréo, Pedra Preta e Itiquira.                                                                                                           |

Fonte: INDEA (2007), *apud* Meister & Moura/FAMATO – MT (2007 p. 87).

O Estado de Mato Grosso vem se consolidando no mercado, desde o ano de 2000 ultrapassou o efetivo do Estado de Goiás e Mato Grosso do Sul. Passando a ocupar a primeira posição como o maior produtor de carne bovina do país. A atividade de pecuária de corte continua sendo a principal, tendo apoio da maioria dos produtores que optaram por cria e recria. “A pecuária é desenvolvida em propriedades de todos os tamanhos, principalmente nas médias e grandes, sendo que os estabelecimentos acima de 1000 hectares concentram mais de 50% do efetivo do Estado (IBGE 2007).

### 2.3 Atividade da Pecuária de Corte em Juína

O Município de JUÍNA-MT, micro região de Aripuanã. O município foi criado em 1982, possui uma extensão territorial 26.351 km<sup>2</sup>, sendo 61% de seu território ocupado por populações indígenas, está distante da capital 724 km (Ferreira, 2009).

O processo de colonização do município de Juína se deu por intermédio da Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso - CODEMAT, a partir do ano de 1978, através da venda de glebas pelo Governo do Estado, conforme projetos de colonização de terras públicas (MEISTER, 2007).

Possui rebanho de 532.921 cabeças, ficando entre os dez maiores produtores de carne bovina do Estado. O número de propriedades rurais é bem significativo em relação demais municípios do Estado 2.397, dessas 2.021 são para criação de bovinos. As médias das propriedades são acima de 500 hectares. Superando os 100 hectares dada a Legislação Ambiental.

TABELA 5 – Região de Juína: Número de Propriedades Rurais, Rebanho Bovino – 2006

| MUNICÍPIOS   | PROPRIEDADES  | COM BOVINOS   | REBANHO          | CABEÇA MÉDIA  | VACAS ORDENADAS/ REBANHOS |
|--------------|---------------|---------------|------------------|---------------|---------------------------|
| JUINA        | 2.397         | 2.021         | 534.463          | 222,51        | 1,13                      |
| CASTANEIRA   | 1.208         | 1.085         | 363.173          | 300,15        | 1,52                      |
| ARIPUANA     | 1.452         | 1.250         | 430.864          | 296,09        | 1,27                      |
| BRASNORTE    | 1.210         | 1.039         | 320.483          | 263,72        | 0,33                      |
| JURUENA      | 962           | 786           | 153.971          | 160,01        | 0,55                      |
| COTRIGUAÇU   | 2.080         | 1.507         | 187.381          | 89,70         | 0,97                      |
| COLNIZA      | 2.862         | 2.550         | 197.046          | 68,41         | 1,08                      |
| <b>TOTAL</b> | <b>12.171</b> | <b>10.238</b> | <b>2.187,381</b> | <b>179,22</b> |                           |

Fonte: INDEA (2007) *apud* Meister, Moura/FAMATO – MT (2007, p. 87).

## 2.4 Contabilidade

### 2.4.1 Definição da Contabilidade

De acordo com Marion (1998, p.24) “a contabilidade é um instrumento que fornece o máximo de informações úteis para a tomada de decisões dentro e fora da empresa. Ela é muito antiga e sempre existiu para auxiliar as pessoas a tomarem decisões”.

A contabilidade surgiu das necessidades que as pessoas tinham de controlar aquilo que possuíam, gastavam ou deviam. Sempre procurando encontrar uma maneira simples de aumentar suas posses. Logo com as primeiras administrações, surge a necessidade de controle, que seria totalmente impossível sem a aplicação dos registros.

Ribeiro (2003, p.02) define a contabilidade:

A contabilidade é a ciência que estuda e pratica as funções de orientação, de controle e de registro relativas à administração econômica. – Conceito oficial formulado no Primeiro Congresso Brasileiro de Contabilidade, realizado no Rio de Janeiro, de 17 a 27 de Agosto de 1924.

A contabilidade é uma ciência que estuda e pratica, controla e interpreta as várias do patrimônio das empresas, através de registros e demonstrações contábeis, sobre esses fatos, tendo a finalidade de oferecer informações sobre o patrimônio.

A Contabilidade vem se destacando entre outras profissões, onde a contabilidade auxilia no desenvolvimento das empresas, através de demonstrações contábeis, observando qual é a real situação da empresa, observando se esta existindo lucro ou prejuízo.

De acordo com Ribeiro (2003, p19) “a contabilidade é uma ciência que possibilita por meio de suas técnicas, o controle permanente do Patrimônio das empresas”.

A Contabilidade se caracteriza essencialmente, por ser a ciência do controle. Contabilidade é o sistema de informação que controla o patrimônio de uma entidade.

Segundo Marion (1998, p.24) “com o passar do tempo o governo começa a utilizar-se dela para arrecadar impostos e torna obrigatória para maioria das empresas”.

#### 2.4.2 Objetivo da Contabilidade

O objetivo geral da contabilidade é fornecer informações para um planejamento e controle mais coerentes, evidenciando informações sobre a situação real do patrimônio da empresa.

De acordo com Ribeiro (2003, p.02) os objetivos são:

Objetivamente, um sistema de informações e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstração e análise de natureza econômica, financeira física e de produtividade, com relação à entidade objeto de contabilização.

De maneira geral a contabilidade é um sistema de informação que avalia as demonstrações e análises de natureza econômica financeira e física e de produtividade no que tange à entidade objeto da contabilização. (SZUSTER; CARDOSO, 2008, p.18).

De acordo com Franco (2006, p.22) a finalidade da contabilidade:

A finalidade da contabilidade é, pois, controlar os fenômenos ocorridos no patrimônio de uma entidade, através do registro, da classificação, da demonstração expositiva, da análise e interpretação dos fatos nele ocorridos, objetivando fornecer informações e orientação necessárias à tomada de decisões sobre sua composição e variações bem como sobre o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial.

Portanto a Contabilidade tem por objetivo dar orientações da administração das empresas no exercício de suas funções, planejando e controlando toda e qualquer entidade socioeconômica.

#### 2.4.3 Usuários da Contabilidade

De maneira geral os usuários da contabilidade são todos aqueles de certa forma necessitada das informações que a mesma demonstra, através de seus balanços e demonstrações contábeis, sempre utilizando os fatos geradores que influenciaram no patrimônio de cada entidade.

De acordo com Marion (1998, p.25) os usuários são:

Pessoas que utilizam da Contabilidade, que se interessam pela situação da empresa e buscam na Contabilidade as suas respostas. Evidentemente, os gerentes (administradores) não são os únicos que se utilizam da Contabilidade. Os investidores, ou seja, aqueles que aplicam dinheiro na empresa estão interessados basicamente em obter lucro, por isso se utilizam dos relatórios contábeis, analisando se a empresa é rentável.

#### 2.4.4 Classificação da Contabilidade

A Contabilidade tem como objetivo de esclarecer as necessidades de uma empresa, através de suas demonstrações contábeis. Antigamente a Contabilidade demonstrava se as empresas estavam demonstrando lucro ou prejuízo obtido no exercício. Atualmente a contabilidade pode ser classificada como Financeira Gerencial e de Custo, onde irá demonstrar as suas finalidades.

##### 2.4.4.1 Contabilidade Financeira

Pavodeze (2003, p.08) cita a origem da Contabilidade Financeira:

Teve sua origem na Revolução Industrial, em consequência dos grandes negócios e da alteração pelos quais passaram a ser financiados.

A Contabilidade Financeira evidencia as informações para os usuários e orientada pelos princípios geralmente aceitos de Contabilidade.

Ainda Pavodeze (2005, p.09) da ênfase na origem da Contabilidade Financeira:

A contabilidade financeira, que podemos denominar de contabilidade tradicional, é entendida basicamente como o instrumento contábil essencial

para a leitura dos relatórios para usuários externos e necessidades regulamentadas.

Pavodeze (2005, p.08) cita que a contabilidade financeira presa os princípios contábeis:

A contabilidade financeira, presa os princípios contábeis, é objeto de muita crítica, uma vez que nem todos os princípios utilizados são necessariamente vistos como os mais corretos em nível conceitual (princípio do custo histórico, da realização da receita etc.).

De modo geral, a Contabilidade Financeira avalia a situação econômica e financeira da entidade, orientando nas tendências futuras.

Iudícibus, Marion (2006, p.44) definem a contabilidade financeira: “É a contabilidade geral, necessária a todas as empresas. Fornece informações básicas aos seus usuários é obrigatório conforme a legislação comercial”.

#### 2.4.4.2 Contabilidade Gerencial

A Contabilidade Gerencial é a forma de gerenciamento empresarial utilizando as demonstrações contábeis em que esteja de maneira conciliada a atividade formal da empresa

Pavodeze (2005, p.08) comenta que a contabilidade gerencial: “É também associada ao advento do capitalismo industrial e apresentou um desafio para o desenvolvimento da contabilidade como ferramenta de gerenciamento industrial”.

Pavodeze *apud* Iudicibus (2005, p.09) da ênfase na definição da contabilidade gerencial:

A contabilidade gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a varias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custo, na análise financeira e de balanço, etc. [...].

A Contabilidade Gerencial auxiliará com informações de dados para a tomada de decisão de caráter corrente e as de natureza estratégicas.

Iudícibus e Marion (2006, p.44) definem: “a contabilidade gerencial como sendo “voltada para fins internos procura suprir os gerentes de um elenco maior de informações, exclusivamente para a tomada de decisões [...]”.

#### 2.4.4.3 Contabilidade de Custo

A Contabilidade de Custo surge com o advento da Revolução Industrial. Pois até o momento só existia a Contabilidade Financeira ou Geral. Anteriormente a empresa só comprava e vendia. A partir desse momento com as mudanças econômicas desse período, as empresas se viram obrigadas a buscar alternativas para se adaptarem as novas realidades e se manterem no mercado.

Essa revolução pode ser observada por meio do raciocínio de Crepaldi (2004, p. 14), menciona que a contabilidade de custos:

Desenvolveu-se com a revolução industrial, e teve que se adaptar à nova realidade econômica, com o surgimento das máquinas e conseqüente produção em grande escala. Tem como sua principal fonte a Contabilidade Financeira.

Será dado um destaque maior neste referencial teórico aos conceitos da Contabilidade de Custos, pela necessidade de atender aos objetivos desta pesquisa.

#### 2.4.5 Contabilidade Rural

A Contabilidade Rural é uma ferramenta de informação que vem controlar as Empresas Rurais, não só de maneira tributária, mas sim como uma ferramenta para tomar decisões de forma correta.

Crepaldi (2006 p.86) define Contabilidade Rural:

[...] Contabilidade Rural é um instrumento da função administrativa que tem como finalidade: controlar o patrimônio das entidades; apurar o resultado das entidades rurais; prestar informações sobre o patrimônio e sobre o resultado das entidades rurais aos diversos usuários das informações contábeis.

Dessa maneira a mesma auxilia no planejamento econômico da empresa reduzindo custos e despesas, dando de certa forma suporte para verificar se determinado investimento é seguro ou não, se existe retorno mais rápido.

Ainda Crepaldi (2006 p.87) ressalta a contabilidade rural como sistema de informação:

A Contabilidade Rural dentro do sistema de informações da Empresa Rural auxilia sobremaneira na geração de informações para o planejamento e controle das atividades, e, por conseguinte, sua estrutura, que seja apresentação das informações, quer seja no registro e avaliação, deverá atender a essa finalidade.

Para Crepaldi (2006 p.25) a empresa rural e sua unidade de produção:

[...] empresa rural é a unidade de produção em que são exercidas atividades que dizem respeito a culturas agrícolas, criação de gado ou culturas florestais, com a finalidade de obtenção de renda. Qualquer tipo de Empresa Rural, seja familiar ou patronal, é integrado por um conjunto de recursos, denominado fatores da produção: a terra; o capital; o trabalho.

Importa ressaltar que a contabilidade pode ser também classificada conforme o ramo de atividade da empresa. Todas são distintas cada qual com as suas peculiaridades. “Quando estudada de forma genérica, a contabilidade é denominada contabilidade geral ou contabilidade financeira (MARION, 2007, p. 25)”. Sendo assim a contabilidade é qualificada como segue:

Contabilidade Agrícola: é a Contabilidade Geral aplicada as empresas agrícolas; Contabilidade Rural: é a Contabilidade Geral aplicada as empresas rurais; Contabilidade da Zootécnica: é a Contabilidade Geral aplicada as empresas que exploram a Zootécnica; Contabilidade da Pecuária: é a Contabilidade Geral aplicada às empresas pecuárias; Contabilidade Agropecuária: é a Contabilidade Geral aplicada as empresas agropecuárias; Contabilidade da Agroindústria: é a Contabilidade Geral aplicada às empresas agroindustriais (MARION, 2007, p. 26).

## **2.5 Contabilidade de custos**

### **2.5.1 Definição**

A contabilidade de custo é o ramo da contabilidade que procura produzir informações para diversas hierarquias gerenciais de uma entidade, como auxilia as funções de determinação de desempenho, e de planejamento e controle das operações e de tomada de decisões.

A contabilidade de custos coleta classifica e registra os dados operacionais das diversas atividades da entidade, denominados de dados internos, bem como, algumas vezes, coleta e organiza dados externos.

A Contabilidade de Custos é uma importante ferramenta na economia, em razão da competitividade do mercado. As empresas precisam conhecer seus custos para poder planejá-los e controlá-los, quando possível, para manter preços competitivos no mercado. Conforme afirma Van Derbeck e Nagy (2003, p. 13):

A contabilidade de custos fornece os dados detalhados sobre custos que a gestão precisa para controlar as operações atuais e planejar para o futuro. [...] a contabilidade de custos fornece as informações que permitem à gerência alocar recursos para as áreas mais eficientes e rentáveis da operação.

#### 2.5.2. Objetivos da Contabilidade de Custos

O objetivo principal da Contabilidade de Custos é produzir informações que atendem as necessidades da administração: determinação da rentabilidade, controle das operações, planejamento e tomada de decisões. (LEONI; LEONI, 2004, p. 80).

Segundo Martins (2006, p.21) contabilidade de custo e suas funções:

[...] contabilidade de custo tem duas funções relevantes: auxílio ao controle e ajuda às tomadas de decisões. No que dizem respeito ao Controle, suas mais importantes missões é fornecer dados para o estabelecimento de padrões, orçamentos e outras formas de previsão e, num estágio imediatamente seguinte, acompanhar o efetivo acontecimento para comparação com os valores anteriormente definidos.

Portanto, a Contabilidade de Custos surgiu para auxiliar as tomadas de decisões e organização das empresas, observando assim a necessidade de obter um controle maior sobre as receitas e despesas, os dados com um nível de informações corretas e apropriação correta dos custos ocorridos.

Para que tenha uma melhor compreensão da Contabilidade de Custos é necessário a conhecer alguns conceitos básicos.

### 2.5.3. Nomenclatura em custos

Martins (2006, p.24 - 26) define os gastos, desembolso, investimentos, custos, despesas e perdas.

QUADRO 1 – Nomenclaturas utilizadas em Custos

| NOMENCLATURA        | DEFINIÇÃO                                                                                                                                                                                                |
|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Gasto</b>        | Compra de um produto ou serviço qualquer, que gera sacrifício financeiro para a entidade (desembolso), sacrifício esse representado por entrega ou promessa de entrega de ativos (normalmente dinheiro). |
| <b>Desembolso</b>   | Pagamento resultante da aquisição do bem ou serviço. Pode ocorrer antes, durante ou após a entrada da utilidade comprada, portanto defasada ou não do momento do gasto.                                  |
| <b>Investimento</b> | Gasto ativado em função de sua vida útil ou de benefícios atribuíveis a futuro período.                                                                                                                  |
| <b>Custo</b>        | Gasto relativo à bem ou serviço utilizado na produção de outros bens ou serviços.                                                                                                                        |
| <b>Despesa</b>      | Bem ou serviço consumido direto ou indiretamente para a obtenção de receitas.                                                                                                                            |
| <b>Perda</b>        | Bem ou serviço consumidos de forma anormal e involuntária.                                                                                                                                               |

Martins (2006, p.24 – 26).

Conforme exposto no quadro anterior a nomenclatura utilizada em Custo é: Gastos é o sacrifício que a empresa arca para obter um bem ou serviço. Desembolso é o pagamento resultante de uma aquisição de um bem ou serviço. Investimento é um gasto em que a empresa teve com um bem ou serviço ativado em função de sua vida útil ou benefício atribuíveis a períodos futuros. Custo são os gastos relativos à produção de bens ou serviços. Despesas são gastos ou serviço não utilizados nas atividades produtivas e consumidas com a finalidade de obtenção de receitas. Perdas são gastos não intencional decorrente de fatores externos ou da atividade produtiva normal da empresa.

A separação de custo e despesas é o primeiro passo para a aplicação de qualquer sistema de custeio.

De acordo com Martins (2006, p.39) “a separação é fácil: os gastos relativos ao processo de produção são custos, e os relativos à administração, às vendas e aos financiamentos são despesas.

Além destes conceitos há outros muito importantes citados por Martins (2006, p. 47-51), como por exemplo:

QUADRO 2 – Nomenclatura de Custo

| NOMENCLATURA                                                  | DEFINIÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Custo de Produção do Período ou Custo Fabril                  | É a soma dos custos incorridos no período dentro da fábrica compostos pela matéria-prima, mão-de-obra direta e pelos custos indiretos de fabricação.                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Custo da Produção Acabada:                                    | É a soma dos custos incorridos na produção acabada do período. Pode conter Custos de Produção também de períodos anteriores existentes em unidades que só foram completadas no presente período.                                                                                                                                                                                                                                          |
| Custo dos Produtos Vendidos                                   | É a soma dos custos incorridos na fabricação dos bens que só agora estão sendo vendidos. Pode conter custos de produção de diversos períodos, caso os itens vendidos tenham sido produzidos em diversas épocas diferentes.                                                                                                                                                                                                                |
| Custos de Transformação ou de Conversão                       | É soma de todos os Custos de Produção, exceto os relativos a matérias-primas e outros eventuais adquiridos e empregados sem nenhuma modificação pela empresa (componentes adquiridos prontos embalagens compradas etc.). Representa esses Custos de Transformação o valor do esforço da própria empresa no processo de elaboração de um determinado item (mão-de-obra direta e indireta, energia, materiais de consumo industrial, etc.). |
| Custos Primários: soma de matéria-prima e mão-de-obra direta. | Não é o mesmo que Custos Diretos, já que nos Primários só estão incluídos aqueles dois itens. Desta forma, a embalagem é um Custo Direto, mas não Primário.                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Materiais Diretos                                             | São os materiais que se incorporam (se identificam) diretamente aos produtos. Exemplos: matéria-prima, embalagem, materiais auxiliares tais como cola, tinta, parafuso prego etc.                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Mão-de-obra Direta                                            | Representa custos com pessoal que trabalha diretamente na elaboração dos produtos, por exemplo, o empregado que opera um torno mecânico. A mão-de-obra direta não deve ser confundida com a de um operário que supervisiona um grupo de torneiros mecânicos.                                                                                                                                                                              |

|        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|--------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rateio | Representa a alocação de custos indiretos aos produtos em fabricação, segundo critérios racionais. Exemplo: depreciação de máquinas rateada segundo o tempo de utilização (h/m) por produto etc. Entretanto, dada a dificuldade de estabelecimento de critérios de rateio, tais alocações carregam consigo certo grau de arbitrariedade. |
| Rateio | A relevância do critério de rateio está intimamente ligada à manutenção ou uniformidade em sua aplicação. A simples mudança de um critério afeta o custo de produção e conseqüentemente afetará o resultado da empresa.                                                                                                                  |

Martins (2006, p. 47-51).

Conforme exposto no quadro anterior a nomenclatura utilizada em Custo é:

Custo fabril: Formação do custo fabril baseado nos custos da empresa: diretos, indiretos e os custos fixos.

Custo da Produção Acabada: Soma dos custos incorridos no período dentro da fábrica.

Custo dos Produtos Vendidos Soma dos custos incorridos da fabricação dos bens que só agora estão sendo vendidos. Pode conter custos de diversos períodos caso os produtos vendidos tenham sido produzidos em diversas épocas diferentes.

Custo de Transformação ou Conversão: é o custo total do processo produtivo e é representado pela soma da mão-de-obra direta com os custos indiretos e representa o custo de transformação da matéria-prima em produto acabado.

Custo Primário: representado pela soma do custo de mão-de-obra-direta e de material direto ou matéria-prima.

Materiais Diretos: refere-se se a todo material que se integra ao produto acabado e que possa ser incluído diretamente no cálculo do custo do produto.

Mão-de-obra Direta: é o custo de qualquer trabalho executado no produto alterando a forma e natureza do material de que se compõe.

Rateio: Divisão ou distribuição proporcional, ou seja, fazer rateio, distribuir um lucro ou despesa proporcionalmente entre os interessados.

Os custos também podem ser classificados em custos diretos e indiretos, fixos e variáveis.

#### 2.5.4 Classificação dos custos

A Contabilidade de Custo constitui-se como instrumento de controle e atribuição de custos aos produtos, sem se preocupar em fornecer informações para o gerenciamento da produção, tendo como principal objetivo auxiliar os administradores em suas tomadas de decisões sempre procurando a maior produtividade. Dessa maneira será abordado algumas classificações de custos, para melhor compreensão.

##### 2.5.4.1 Custos Diretos

Crepaldi (2004, p.18) define o Custo Direto:

São custos podem ser diretamente (sem rateio) apropriados aos produtos, bastando existir uma medida de consumo [...]. De maneira geral, associam-se a produtos e variam proporcionalmente à quantidade produzida.

Os Custos diretos esta ligado diretamente ao produto, podendo ser identificado de maneira simples, não necessitando de rateios para atribuir ao objeto custeado.

De acordo com Leone (2000, p.59) “são todos os custos que se conseguem identificar com as obras, do modo mais econômico e lógico”.

##### 2.5.4.2 Custos Indiretos

De acordo com Crepaldi (2004, p.18) define o conceito de Custo Indireto: “São os que, para serem incorporados aos produtos, necessitam da utilização de algum critério de rateio [...]”.

O custo indireto, é todo o custo que não pode apropriar diretamente a cada tipo de produto, necessita da utilização de um rateio.

Leone (2000, p.59) define “os custos indiretos são todos os custos que dependem do emprego de recursos, de taxas de rateio, de parâmetros para o débito às obras”.

#### 2.5.4.3 Custos Fixos

De acordo com Crepaldi (2004, p.18) define o conceito de Custo Fixo: “Custos Fixos são aqueles cujo total não varia proporcionalmente ao volume produzido.

Os Custos Fixos são aquele que independente da produção ser maior ou menor não sofrerão alteração no valor.

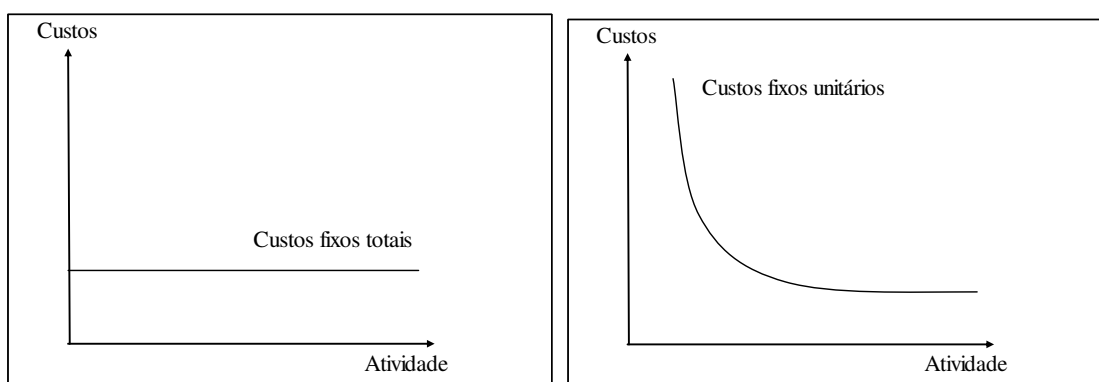


Figura 1. Análise dos custos fixos totais e unitários.  
 Fonte: Batalha, 2007, p. 435

#### 2.5.4.4 Custos Variáveis

De acordo com Santos, Marion e Segatti (2008, p. 43) os custos variáveis: “são aqueles que variam em proporção direta com o volume de produção ou área de plantio”.

Os Custos Variáveis são aqueles variam proporcionalmente de acordo com a produção, sendo que seus valores dependem diretamente da produção produzida no determinado período.

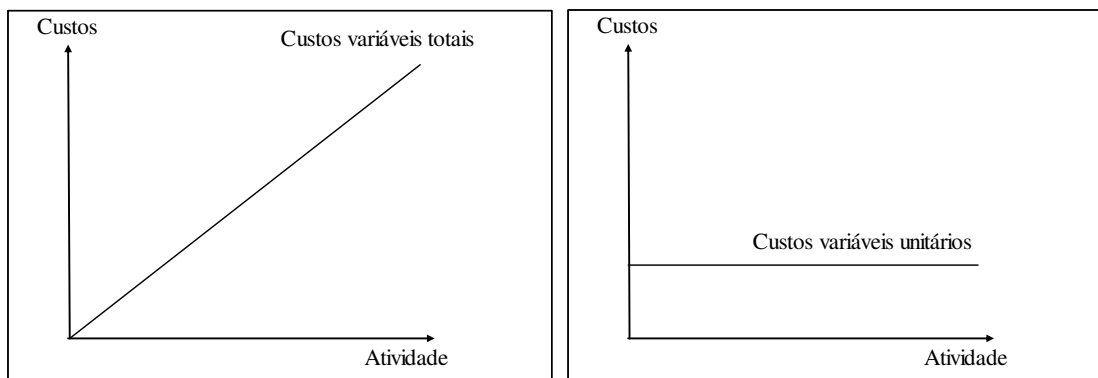


Figura 2. Análise dos custos variáveis totais e unitários.

Fonte: Batalha, 2007, p. 434

### 2.5.5. Método de Custeio

O método de custeio é a maneira em que serão apropriados os custos em seus portadores finais.

A finalidade em geral do custeio está em atribuir os custos aos bens produzidos pelas entidades.

De acordo com Crepaldi (2004, p.223) define os métodos de custeio: “É o método usado para apropriação de custos. Existem dois tipos básicos de custeio: Custeio por Absorção e Custeio Variável ou Direto [...]”.

#### 2.5.5.1 Método de Custeio Direto ou Custeio Variável

O Custeio Variável ou Direto é um tipo de custeamento que considera como custo de produção do período apenas os Custos Variáveis incorridos.

De acordo com Crepaldi (2006 p.117) “Custeio Variável variam proporcionalmente ao volume produzido”.

De maneira geral o Custeio Variável seria um tipo de custeio que considera como custo de produção do período apenas os custos variáveis incorridos.

Ainda para Crepaldi (2004, p. 117) este sistema de custeio fundamenta-se na separação dos gastos de produção em fixos e variáveis. Gastos estes que oscilam conforme o volume de produção e os gastos que se mantêm, não variam perante o volume de produção.

### 2.5.5.2 Método de Custeio por Absorção

Esse método consiste na destinação dos custos e despesas, sendo essa separação importante, uma vez que a contabilização da despesa é feita de maneira imediata contra o seu resultado.

Segundo Crepaldi (2006 p.219) define custeio por absorção:

[...] o método de custeio por absorção ou custeio pleno consiste na apropriação de todos os custos (sejam eles fixos ou variáveis) à produção agropecuária do período. Os gastos não produtivos (despesas) são excluídos. A distinção principal no custeio por absorção é entre custos e despesas. A separação é importante porque as despesas são jogadas imediatamente contra o resultado do período, enquanto somente os custos relativos aos produtos vendidos terão idêntico tratamento. Os custos relativos aos rebanhos que não tenham sido vendidos estarão ativados nos estoques.

Nesse método de Custeio de Absorção suas despesas são jogadas diretamente para o resultado do período e os custos, fixos e variáveis são atribuídos ao custo do produto, assim os custos diretos e indiretos também são alocados ao custo de produção.

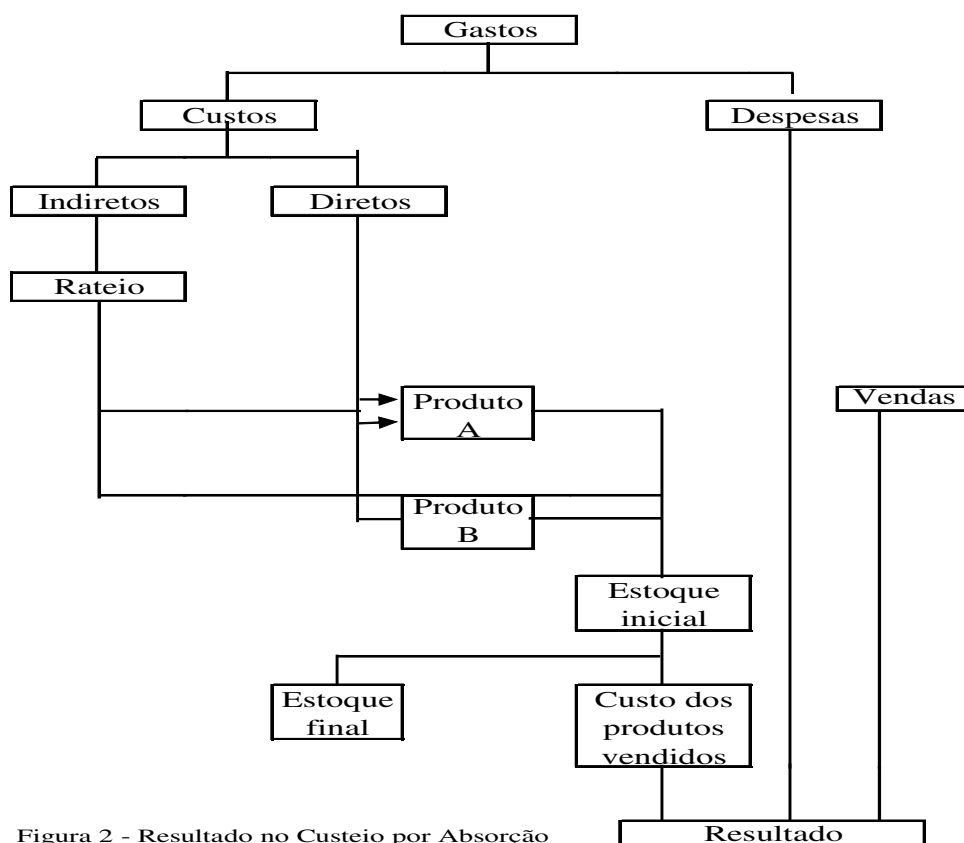


Figura 2 - Resultado no Custeio por Absorção  
Fonte: Crepaldi (2006 p.94)

Pode-se considerar que no método de custeio por absorção, os custos diretos são de fácil alocação, como o propósito é o custo de fabricação dos produtos ou serviços. Os custos indiretos não podem ser alocados diretamente aos produtos, deve ser apropriado através de critérios de rateios, de forma proporcional entre custos indiretos, o mais próximo ao real.

#### 2.5.5.3 Método de Valor do Mercado

O método de Valor do Mercado irá considerar o preço de mercado, onde irá apurar o quanto de lucro adquiriu em determinado ano.

Marion (2006, p.116) define Método de Valor do Mercado:

O método a valor do mercado considera o preço de mercado do plantel que normalmente, é maior que o custo, reconhecendo-se um ganho econômico periodicamente (normalmente uma vez por ano), em virtude do crescimento natural do rebanho. Dessa forma, o gado fica destacado na conta “Estoque” pelo seu valor mercado (e não de custo), e o resultado é reconhecido o ganho econômico do período, ou seja, a diferença a maior do valor de mercado atual sobre o valor no período anterior. Denomina-se ganho econômico, uma vez que não houve entrada de dinheiro, mas valorização do plantel.

#### 2.5.5.4 Método de Custeio Baseado em Atividades (ABC)

Método de Custeio Baseado em Atividades (ABC), conforme Martins (2006, p. 87), “é uma metodologia de custeio que procura reduzir sensivelmente as distorções provocadas pelo rateio arbitrário dos custos indiretos”.

O diferencial do Método ABC é a identificação e separação das atividades para que desta forma seja feito o rateio dos custos indiretos. Para isso, é necessário identificar quais são as atividades mais importantes e alocar os custos indiretos de forma mais coerente possível.

Ainda Martins (2006, p. 87) “o Custeio Baseado em Atividade (ABC), pode ser aplicado, também, aos custos diretos, principalmente à mão-de-obra direta, e é recomendável que o seja [...]”.

No método de custeio baseado em atividades, a alocação dos custos acontece da seguinte forma: alocação de custos diretos, rastreamento e rateio dos custos indiretos.

A alocação direta se faz quando existe uma identificação clara, direta e objetiva de certos itens de custos com certas atividades. Pode ocorrer com salários, depreciações, viagens material de consumo, etc.

O rastreamento é uma alocação com base na identificação da relação de causa e efeito entre a ocorrência da atividade e a geração dos custos. Essa relação é expressa através de direcionadores de custos de primeiro estágio, também conhecidos como direcionadores de custos de recursos. (MARTINS, 2006, p. 94).

De maneira geral o rateio é realizado apenas quando não há a possibilidade de utilizar nem a alocação direta nem o rastreamento.

#### 2.5.5.5 CUSTO PADRÃO

Método de Custo Padrão, conforme Martins (2006, p. 315):

[...] é entendido como sendo o Custo Ideal de produção de um determinado bem ou serviço. Seria então o valor conseguido com o uso dos melhores materiais possíveis, com a mais eficiente mão-de-obra viável [...].

Contudo esse método seria uma meta em que empresa procura alcançar em longo prazo.

Para Martins (2006, p.316) “[...] o objetivo, portanto, é deixar uma base de comparação entre o que ocorreu de custo que deveria ter ocorrido. E isso nos leva á conclusão de que o Custo Padrão não é outra forma de método ou critério de contabilização de custos, mas sim uma técnica auxiliar.

## 2.6 Rentabilidade

Para Analisar a Rentabilidade da produção bovina, faz-se necessário entender o significado de rentabilidade. A Rentabilidade constitui-se na indicação do percentual de remuneração do capital investido na empresa.

De acordo com Reis (2009, p.288): “a rentabilidade do capital próprio mediria, por exemplo, o percentual de lucro produzido por esse tipo de capital [...]”.

Contudo, para que a rentabilidade atinja um nível considerado sustentável é preciso à análise de outros aspectos. Os aspectos que merecem destaque nesta análise são: a margem de contribuição, a margem bruta e o ponto de equilíbrio.

### 2.6.1 Margem de Contribuição

A Margem de Contribuição pode ser definida a quantia de dinheiro que sobra do preço de venda de um produto, serviço ou mercadoria, após retirar o valor do custo variável unitário, garantido assim a cobertura do custo fixo e do lucro, após atingir o seu Ponto de Equilíbrio.

Martins (2006, p.178) define margem de contribuição:

[...] é a diferença entre o preço de venda e o Custo Variável de cada produto; é o valor que cada unidade efetivamente traz à empresa de sobra entre sua receita e o custo que de fatos provocou e que lhe imputado sem erro.

Crepaldi (2008, p.122) a Margem de Contribuição pode ser calculado a partir da seguinte formula:

Margem de contribuição = Preço de Venda – Custos e Despesas Variáveis

Portando poderá conceituado como a diferença entre a Receita e a soma de Custo e Despesas Variáveis, tornando bem mais facilmente visível a potencialidade de cada produto.

### 2.6.2 Ponto de Equilíbrio

O Ponto de Equilíbrio é o nível em que as receitas auferidas igualam-se às despesas incorridas (custos fixos + custos variáveis).

Martins (2006, p.257) define ponto de equilíbrio: “Ponto de Equilíbrio (também denominado Ponto de Ruptura – *Break – even Point*) nasce da conjugação dos Custos e Despesas Totais com as receitas.”

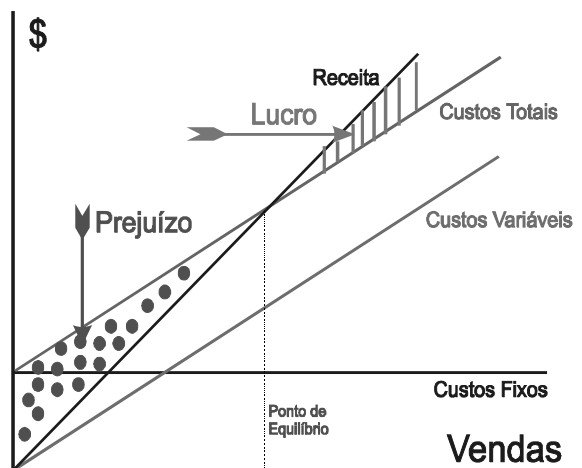


Figura 4 - Ponto de Equilíbrio.  
Fonte: Martins, 2002, p. 258

Quando o ponto de equilíbrio contábil é atingido à empresa não apresentará lucro ou prejuízo. Assim, fica evidente o quanto a empresa precisa vender de cada produto/serviço para cobrir seus custos.

De acordo com Ribeiro (2009, p.477) o Ponto de Equilíbrio pode ser calculado a partir da seguinte formula:

$$\text{Ponto de Equilíbrio} = \frac{\text{Custo Fixo}}{\text{Margem de Contribuição}}$$

O resultado expressa a quantidade a ser vendida daquele produto para a cobertura dos custos total.

### 2.6.3 Margem de Segurança

A Margem de Segurança Operacional corresponde à quantidade de produtos ou valor de receita se opera acima do Ponto de Equilíbrio.

Para Ribeiro (2009, p.480) a margem de segurança é definida: “[...] diferença entre a receita total auferida pela empresa e a receita total no Ponto de Equilíbrio”.

De acordo com Crepaldi (2008, p.130) a Margem de Segurança pode ser calculado a partir da seguinte formula:

$$\text{Margem de Segurança} = \frac{\text{Venda Orçamentária} - \text{Equilíbrio das Vendas}}{\text{Vendas Orçamentária}}$$

Quanto mais acima do Ponto de Equilíbrio a empresa estiver operando, maior será sua Margem de Segurança de que eventuais quedas no faturamento não levarão o resultado operacional para o prejuízo.

#### 2.6.4 Alavancagem Operacional

De acordo com Ribeiro (2009, p.482) define a alavancagem operacional: “alavancar significa mover ou levanta algo com auxilio de alavanca [...]. Com um aumento (alavanca) no volume da produção e venda, promove-se uma alavancagem (elevação) no resultado”.

De acordo com Ribeiro (2009, p.482) a Alavancagem Operacional pode ser calculado a partir da seguinte formula:

$$\text{Grau de Alavancagem Operacional} = \frac{1}{\text{Margem de Segurança}}$$

Enfim é um indicador que mostra quantas vezes o percentual de aumento promovido no volume gerou de percentual de aumento no resultado. (RIBEIRO, 2009, p. 482).

### 2.7 Empresa Rural

Empresas Rurais são aquelas que têm por finalidade explorar o solo para obtenção de renda, seja de maneira na criação do gado de corte, seja no cultivo da terra ou ainda nas agroindústrias.

De acordo com Marion (2006, p.24).

[...] empresas rurais são aquelas que exploram a capacidade produtiva do solo por meio do cultivo da terra, criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas. O campo de atividade das empresas rurais pode ser dividido em três grupos distintos:

- Produção vegetal – atividade agrícola;
- Produção animal – atividade zootécnica;
- Industriais rurais – atividade agroindustrial;

De maneira geral a Empresa rural entende-se como um empreendimento que visa lucro, e necessita de prática contábil como uma ferramenta imprescindível para seu desenvolvimento gerencial.

### 2.7.1 Atividade da Empresa Rural

De acordo com Marion (2007, p. 20) Atividade Pecuária é a “arte de criar e tratar gado”.

Empresas Rurais são aquelas que exploram o que tem de produtivo no solo através do cultivo da terra, e da criação de animais soltos e da transformação de determinados produtos agrícolas.

#### 2.7.1.1 Pastagens

Um dos fatores que influencia na diferença na atividade de bovinocultura é o tipo de pastagem oferecido para o rebanho. De modo geral existem dois tipos de pastagem a nativa e artificial, que serve para a alimentação do gado, uma boa área bem cuidada contribuirá para o melhor desenvolvimento do gado para obter um ótimo faturamento.

Para Marion (2007, p.22) define o que é pastagem:

[...] lugar onde pasta (come erva não ceifada) ou pode pastar o gado. É uma das partes mais importantes do planejamento agropecuário, uma vez que a boa pastagem contribuirá, em conjunto, para a melhoria da qualidade do gado, para o alto rendimento do projeto. Basicamente, há dois tipos de pastagem: a natural e a artificial.

- Pastagem nativa ou natural

Pastagem nativa ou natural é a vegetação que nasce naturalmente nos campos, são que utiliza todo o bem que a mesma apresenta sem influencia do homem tendo assim uma boa área com vegetação apropriada para o desenvolvimento.

Ainda Marion define (2007, p.22) pastagem nativa:

[...] pasto nativo: são áreas não cultivadas para pastagem, das quais se aproveita o potencial natural (campos, cerrados, capins naturais etc.). Geralmente, são áreas de boa cobertura vegetal que não apresentam grandes problemas de erosão. Esse tipo de pasto sofre melhoramentos esporádicos (criação extensiva).

- Pastagem artificial

Já pastagem artificial já exige um preparo da terra através de produtos químicos e fertilizante e com um sistema bem adequado de irrigação, para assim não perder o investimento da terra.

Ainda Marion (2007, p.23) define pastagem artificial:

[...] pasto artificial é aquele formado por pastos cultivados. Geralmente, exige preparo adequado do solo, através de destocamento, de araões, adubações, gradagem, plantação ou semeadura (adequado para criação intensiva) e irrigação.

- Alimentação

A alimentação normal do gado de corte é aquela nativa em pastos, através de seus manejos, ou ainda podendo ser distribuído através de cochos, sendo oferecida a vegetação natural.

De acordo com Marion (2007, p.32) alimentação do gado:

Normalmente, o gado alimenta-se no pasto (pastejo direto), através do pastoreio contínuo ou rotativo. Todavia, a forragem pode ser obtida de outra

maneira, ou seja, por meio do corte, sendo então distribuído ao gado no estábulo ou curral, o que mostra inviável economicamente.

Marion (2007, p.32) conceitua a alimentação do gado:

As capineiras representam uma forma de reserva para os períodos de seca e para o inverno. O excesso de capim de pasto e capineiras, bem como outras forrageiras, podem ser utilizados em silagem e em fenação.

Para Marion (2007, p32) “silagem constitui o método clássico de armazenamento e conservação do excesso de forragens obtido no período das águas e em cultura apropriadas.

Segundo Marion (2007, p32) “fenação consiste no dessecamento (desidratação da planta; a perda do excesso de água dá-se naturalmente pela exposição da planta cortada ao sol, ou mecanicamente.

Com isso a silagem é a erva ceifada e seca utilizada na alimentação dos animais. Tendo assim uma composição variada, dependendo da espécie vegetal, gramínea ou leguminosa, de natureza do solo.

- Tipos de pastoreio (pastejo)

Quanto ao tipo de pastoreio basicamente há dois tipos: em rodízio e contínuo.

De acordo com Marion (2007, p.23):

[...] em determinado momento, interrompe-se o pastoreio para manter o pasto em repouso por certo tempo. Esta técnica moderna torna-se possível dividindo-se uma grande área em piquetes (são identificados por números); em seguida, introduz o pastoreio rotativo.

Ainda Marion (2007, p23) “essa modalidade permite que o pecuarista racionalize a produção da forragem associado à máxima produção de forragem com a máxima qualidade nutricional da mesma”.

- Pastoreio contínuo.

Para Marion (2007, p24) “pastoreio contínuo é aquele em que o gado é mantido permanente e ininterruptamente num mesmo pasto (com lotação durante o ano todo).

O Pastoreio Continuo é utilizado pelas grandes fazendas, onde as mesmas fazem um planejamento bem preciso de suas áreas medindo o pasto e dividindo por animal quando será utilizado por hectares.

- Pastoreio rotativo

Sendo que o rotativo é a maneira mais utilizada entre os produtores rurais, onde o rotativo deixará os pastos ficar em repouso para voltar ao normal, para assim não acabar com o investimento que o mesmo teve, e são divididos em forma de piquetes para um melhor aproveitamento da terra.

Marion (2007, p.24) ressalta os aspectos fundamentais no manejo:

[...] um dos aspectos fundamentais no pastejo (em rodízio ou contínuo) é o planejamento do número de cabeças por hectares, para que não haja excesso de animal para a pastagem disponível, ou vice-versa, visando dessa forma a uma maior produtividade. Daí a preocupação dos pecuaristas em calcular a densidade média das pastagens, em termos de unidade animal e de cabeça por hectare, determinado a lotação ideal do pasto.

### 2.7.2 Tipos de atividade pecuária

A pecuária de corte é descrita em três fases a cria, recria e engorda.

De acordo com Marion (2006, p.106) existem três fases distintas, na atividade pecuária de corte, pelas quais passa o animal que se destina ao abate:

Cria: a atividade básica é a produção de bezerro que só serão vendidos após o desmame. Normalmente, a matriz (de boa fertilidade) produz um bezerro por ano;

Recria: a atividade básica é a partir do bezerro adquirido, a produção e a venda do novilho magro para engorda;  
Engorda: atividade básica é a partir do novilho magro adquirido, a produção e a venda do novilho gordo”.

#### 2.7.2.1 Cria

Na pecuária de corte existe varias maneiras de produção de bezerros ocorrem através da escolha do reprodutor, inseminação artificial e a monta controlada.

Na reprodução utilizada o reprodutor escolhido, ocorre de maneira natural, onde serão classificados os touros e vacas, onde ocorrerá a cobertura de forma natural, mas sempre observando a qualidade tanto dos touros quantos das vacas.

Na reprodução pelo processo de monta controlada já existe uma influencia do homem, onde será enviado para o macho à fêmea que entrou no cio, entrando assim no processo de acasalamento programado.

No processo de inseminação artificial o sêmen é introduzido nas fêmeas selecionadas no período em que a mesma se encontra no cio através de profissional na área “veterinário”, sempre verificando a qualidade genética do sêmen. Mas para ter um grande aproveitamento, o proprietário deve seguir as orienta da maneira em que se devem manusear os sêmen, guardando em botijões com nitrogênio liquido e na temperatura adequada.

#### 2.7.2.2 Recria

O processo de recria acontece logo após a desmama, separa-se os machos da mãe, nessa fase os bezerros serão carimbados podendo ser criados em pastos ou semi-confinados. O período da desmama ocorre de 06 a 08 meses de vida.

### 2.7.2.3 Engorda

O processo da engorda ocorre ainda na fase na recria, são separados os bezerros magros, a partir desse período se inicia o processo de engorda, podendo ser através de confinamento, semi-confinamento ou pasto. Sendo pesado varias vezes para verificar se estão se desenvolvendo de maneira correta.

### 2.7.3. Sistema de criação

O sistema de criação depende muito das necessidades em que os pecuaristas desejam obter resultados mais rapidamente.

Conforme Araújo (2008, p. 53) “existem três tipos de sistemas na criação de animais: intensivo, extensivo e semi-intensivo”.

#### 2.7.3.1 Sistema intensivo

Araujo (2008, p.53) define o sistema intensivo:

O sistema intensivo, como o próprio nome sugere, refere-se à criação de animais de forma intensiva, caracterização por utilização de tecnologias mais sofisticadas, maior investimento em construção e alimentação (fornecida nos comedouros), maior dedicação dos trabalhadores, menor espaço disponível, maior assistência etc.

Ainda Araújo (2008, p.53) “a utilização de sistema intensivos de criação depende principalmente da espécie, do padrão genético (grau de sangue) [...]”.

O modo de criação intensiva exige dos pecuaristas a utilização de tecnologia de ponta construindo galpões para estocagem de alimentos, exigindo uma maior fiscalização dos funcionários das fazendas.

Ainda para este autor os principais resultados das explorações intensivas são: produtividade maior por área e por animal, rapidez de ganhos, mais facilidade para controlar os rebanhos. O ganho ou perda também por unidade de tempo é mais rápido. Neste tipo de sistema a probabilidade de doenças é maior, entretanto como o

contato com os trabalhadores é mais próximo, o problema é detectado com grau de eficiência grande.

#### 2.7.3.2 Sistema extensivo

No sistema extensivo os animais são criados soltos em grandes espaços.

Modo extensivo é o método mais utilizado entre os pecuaristas da região de Juina, pois é um sistema que não exige a utilização de tecnologia sofisticada, sendo assim utilizadas apenas as terras de sua propriedade.

De acordo com Marion (2007, p.20) “sistema extensivo, geralmente os animais são mantidos em pastos nativos ou cultivados, na dependência exclusiva dos recursos naturais”.

Araujo (2008, p.54) define o sistema extensivo:

Os animais criados de forma extensiva são conduzidos soltos, em grandes espaços. Nesse sistema de criação, há espaço bastante para os animais, as inversões em construções são menores, assim como os cuidados.

Ainda Araújo (2008, p.54) “a alimentação está baseada em pastagens, os resultados esperados são mais lentos e normalmente o tipo de carne e de produtos é diferente, assumindo sabores diferentes”.

#### 2.7.3.3 Semi - intensivo

No sistema semi-intensivo os animais são criados parte do tempo solto e parte do tempo confinado, usufruindo do espaço disponível e ao mesmo tempo utilizando tecnologia. Usando rações balanceadas e se aproveitando de todas as vantagens do sistema intensivo e extensivo. Neste sistema os animais permanecem a maior parte do dia solto, recebem complemento de sua alimentação nos cochos e pode ficar presos a noite (ARAÚJO, 2008, p. 54).

Araujo (2008, p.54) define o semi - intensivo:

O sistema de criação semi-intensivos, os animais são criados (ou conduzidos) parte do tempo solto e parte confinados, aproveitando a disponibilidade de espaços e procurando intensificar a tecnologia, sobretudo

com o uso de ração balanceadas, procurando somar as vantagens do sistema intensivo com menor investimento do sistema extensivo, aproveitamento de pastagem disponível.

Araujo (2008, p.54) define o manejo dos rebanhos:

O manejo dos rebanhos é o conjunto de práticas racionais adotadas nas criações, com a finalidade de produzir animais de forma econômica. Para um bom exige alguns requerimentos básicos, como: investimento de capital, inteligência e trabalho, procedimentos criteriosos de raciocínio e de conhecimento e atendimento integrado às necessidades dos animais.

Araujo (2008, p.54) ainda esclarece o bom manejo:

O bom manejo assegura a regularidade de produção, benefícios para os animais, para o criador e para os trabalhadores, produção economicamente viável e a continuação da atividade. O mau manejo, de modo geral, resulta em perda de produção, baixa produção e produtividade e prejuízo econômicos.

Saber conduzir o manejo é muito relevante. Uma vez que uma propriedade bem administrada proporciona maior produtividade. O produtor e os trabalhadores terão maiores rendimentos. Os animais também são beneficiados, tornando a produção mais viável e lucrativa impulsionando os produtores nas suas atividades.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Segundo Lakatos (2006, p. 223), “a especificação da metodologia da pesquisa é a que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões como? com quê? onde? quando?”.

Nesta pesquisa foi utilizada de acordo com os seus objetivos o método quantitativo de caráter exploratório e descritivo.

Segundo Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Cervo e Bervian (2002, p. 69), afirmam que a pesquisa exploratória ocorrerá: “[...] quando há poucos conhecimentos sobre o problema a ser estudado”.

De acordo com Fachin (2001, p.79) “É determinada em relação aos dados ou proporção de números [...]. A “quantificação científica envolve um sistema de atribuição de número e que os resultados sejam eficaz”.

Ainda Fachin (2001, p.82) “É caracterizado pelos seus atributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente”.

Esta pesquisa foi realizada através de dados bibliográficos coletados de livros, artigos científicos, planilhas, envolvendo os temas abordados a Contabilidade Rural, Contabilidade de Custo e a Pecuária de Corte.

Cervo e Bervian (2002, p.88) define que “a pesquisa bibliográfica tem como objetivo encontrar respostas aos problemas formulados, e o recurso é a consulta dos documentos bibliográfico”.

Utilizando assim um estudo de caso no Sitio União Caiabi em Juina – MT.

Gil (2002, p.54), define o estudo de caso:

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permite seu amplo e detalhado

conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros já considerados.

Foi desenvolvida entrevista com o proprietário, observação direta e também dados documentais extraídos do sítio, tendo assim a análise do custo de produção na pecuária de corte.

Severino (2002, p. 40) “a documentação geral é aquela que organiza e guarda documentos úteis de fontes perecíveis. Trata-se de passar para pastas, sistematicamente organizadas, documentos cuja conservação seja julgada importante”.

Cervo e Bervian (2002, p.46) definem que “a entrevista não é uma simples conversa. É conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados a pesquisa”.

E quanto aos objetivos será descrever o sistema de custeamento para a produção do gado de corte da raça nelore, utilizando como estudo de caso o Sítio União Caiabi, tendo por finalidade explicar o problema abordado.

Neste sentido, Cervo e Bervian (2002, p. 69) acrescentam que “[...] pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”.

### **3.2 Delimitação do estudo e amostragem.**

O município de Juina conta com um rebanho de 534.463 mil cabeças de bovinos, distribuídos em 2.397 propriedades cadastradas junto ao Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (INDEA). Em virtude desse fato, optou-se pela delimitação da pesquisa à realidade de uma propriedade, em razão do fácil acesso à propriedade, e pela delimitação da pesquisa à realidade de uma propriedade.

Esta pesquisa foi analisada a realidade de produção de um único lote de 200 (duzentas) cabeças de bovinos destinados para corte da Raça Nelore, em pasto alugado, entre o período de 12 a 36 meses, de propriedade Sítio União Caiabi.

### **3.3 Método de pesquisa.**

Optou-se pelo método do Estudo de Caso.

Lakatos (2004, p.274), expõem que: “o estudo de caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos”.

O presente trabalho identificar, através do estudo de caso de um lote de bovinos, Raça Nelore, destinados para corte, de que maneira as ferramentas da Contabilidade de Custos poderão contribuir para o conhecimento adequado dos custos incorridos na atividade de pecuária.

### **3.4 Protocolo de pesquisa**

#### **3.4.1. Da coleta de dados**

A pesquisa foi realizada através de dados coletados do Sítio União Caiabi, localizado na linha “G” a 32 km de Juína – MT, o tamanho da propriedade 75 alqueires, incluindo a área de mata destinada à reserva de legal (de acordo com as leis que rege sobre a preservação ambiental). Foi realizada entrevista com o proprietário do Sítio União Caiabi, para assim fazer a composição dos custos, onde será evidenciada nas planilhas financeiras.

#### **3.4.2 Descrição detalhada do lote de animais que será estudado.**

De acordo com o pecuarista o sistema utilizado para engorda dos animais é o sistema extensivo, onde os animais são criados soltos, e monitorados por ele e

pelo seu vaqueiro. O lote comprado são animais de raça Nelore, todos com pelagem branca de boa qualidade, devido ao tratamento que esses animais recebem na propriedade, pois os mesmos são pulverizados sempre que necessário para evitar moscas de chifre ou até mesmo berne, a sobra de couro na barbela e na carcaça dos animais representa que são de boa qualidade para engorda.

#### 3.4.3 Critérios de custo que foram analisados durante o estudo de caso.

Para o desenvolvimento desse trabalho foram criadas planilhas no Excel, versão 2007, de acordo com Office oferecido pelo Windows XP, estão disponíveis no apêndice, possuem as seguintes características:

- Planilha Depreciação

Na planilha de depreciação foi abordada para esse calculo de custo a foi considerado variação conforme a infra-estrutura, de acordo com a idade e a durabilidade das instalações e dos equipamentos que possui.

Nessa planilha foram identificar os elementos de custo, detalhados a seguir:

- ❖ Benfeitorias: casa sede cerca convencional, curral e saleiros.
- ❖ Equipamentos: motosserra e selaria.

- Planilha de Custos Fixos

Nesta planilha foi considerado como custos fixos:

- ❖ Mão-de-obra: vaqueiro

- Planilha de Custos Variáveis

A planilha de custos variáveis compreende os insumos que são fundamentais para o desenvolvimento dos animais necessários para a engorda.

- ❖ Vacina: febre aftosa, carbúnculo e brucelose.
- ❖ Suplementação: sal mineral/ proteinado
- ❖ Controle de sanidade: vermífugos
- ❖ Aluguel: arrendamento de pasto
- ❖ Energia: combustível para motor gerador.
- ❖ Manutenção: cercas e curral.

Observação: por uma questão de conveniência, dada à dificuldade de mensurar os custos da pastagem, neste estudo, optou-se por utilizar o aluguel de pasto como parâmetros para este custo. De acordo com a teoria o aluguel do pasto torna-se um custo variável, onde ele varia proporcionalmente de acordo com a quantidade de cabeças de gado dentro de um determinado período.

- Planilha de Despesas administrativas

A planilha Despesas Administrativas relacionam todos os gastos realizados no processo de engorda na propriedade e que não estão diretamente ligados aos custos de produção do bovino gordo acabado para corte.

- ❖ Administrativos: Serviços contábeis.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O estudo de caso foi realizado no Sítio União Caiabi, localizada 32 km, no município de Juína – MT. O tamanho da propriedade é de 75 Alqueires, incluindo a área de mata destinada à reserva de legal (de acordo com as leis que rege sobre a mesma, para preservação ambiental).

Os dados foram coletados mediante entrevistas com o gerente e o proprietário, e também por meio de documentos da fazenda, referente ao ano de 2007 a 2009.

O sistema de criação do gado utilizado é o sistema extensivo, muito comum na região, utilizando-se da técnica de pastoreio rotativo, no qual o gado está sempre em rodízio para o pasto ser recuperado. O gado é da raça Nelore e o pasto é da espécie Brizantã.

Os gastos e custo que foram identificados de cada cabeça de gado são: depreciação da casa (sede), cercas convencionais, curral, dos seleiros dos equipamentos como, por exemplo, o motosserra e a selaria. Os custos fixos, a mão-de-obra do vaqueiro e os honorários contábeis. Os custos variáveis que são as vacinas, os suplementos minerais e proteinado, vermífugos, o aluguel do pasto, energia, lubrificantes e combustíveis. Há ainda os custos esporádicos de manutenção da propriedade, como manutenção de cercas, de currais e a compra de pequenos equipamentos agrícolas.

De acordo com o estudo de caso foram levantados com base nas informações do proprietário, na observação direta ainda através da consulta à documentos fiscais.

TABELA 6 - Custos de Produção do Sítio União Caiabi

| <b>CUSTO DE PRODUÇÃO 12 - 24 MESES</b>   |                       |
|------------------------------------------|-----------------------|
| <b>DISCRIMINAÇÃO</b>                     | <b>TOTAL PECUÁRIA</b> |
| <b>CUSTO TOTAL</b>                       | <b>57.835,00</b>      |
| <b>CUSTO OPERACIONAL TOTAL</b>           | <b>57.835,00</b>      |
| <b>DEPERIAÇÃO</b>                        | <b>10.725,00</b>      |
| <b>BENFEITORIA</b>                       | <b>9.365,00</b>       |
| Casa sede                                | 1.000,00              |
| Cerca convencional                       | 6.890,00              |
| Curral (mang, ser, tronco)               | 950,00                |
| Saleiros                                 | 525,00                |
| <b>EQUIPAMENTOS</b>                      | <b>1.360,00</b>       |
| Motosserra                               | 160,00                |
| Selaria                                  | 1.200,00              |
| <b>CUSTO OPERACIONAL EFETIVO</b>         | <b>47.110,00</b>      |
| <b>CUSTO FIXOS</b>                       | <b>12.000,00</b>      |
| <b>MÃO - DE - OBRA</b>                   | <b>7.800,00</b>       |
| Vaqueiro                                 | 7.800,00              |
| <b>ADMINISTRAÇÃO</b>                     | <b>4200,00</b>        |
| Contabilidade                            | 4200,00               |
| <b>CUSTOS VARIÁVEIS</b>                  | <b>35.110,00</b>      |
| <b>INSUMOS VACINA</b>                    | <b>360,00</b>         |
| Febre aftosa                             | 240,00                |
| Carbúnculo                               | 120,00                |
| <b>INSUMO SUPLEMENTAÇÃO</b>              | <b>7.200,00</b>       |
| Sal mineral/ proteinado                  | 7.200,00              |
| <b>INSUMO CONTROLE PARASITORIO</b>       | <b>1.400,00</b>       |
| Vermífugo                                | 1.400,00              |
| <b>DIVERSOS</b>                          | <b>650,00</b>         |
| Medicamentos Geral - Antibióticos (cria) | 650,00                |
| <b>ALUGUEL</b>                           | <b>18.000,00</b>      |
| Aluguel de pastagens                     | 18.000,00             |
| <b>DIVERSOS</b>                          | <b>1.800,00</b>       |
| Energia                                  | 840,00                |
| Gasolina                                 | 960,00                |
| <b>MANUTENÇÃO</b>                        | <b>1.500,00</b>       |
| Manutenção de cercas                     | 750,00                |
| Manutenção de pasto                      | 750,00                |

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

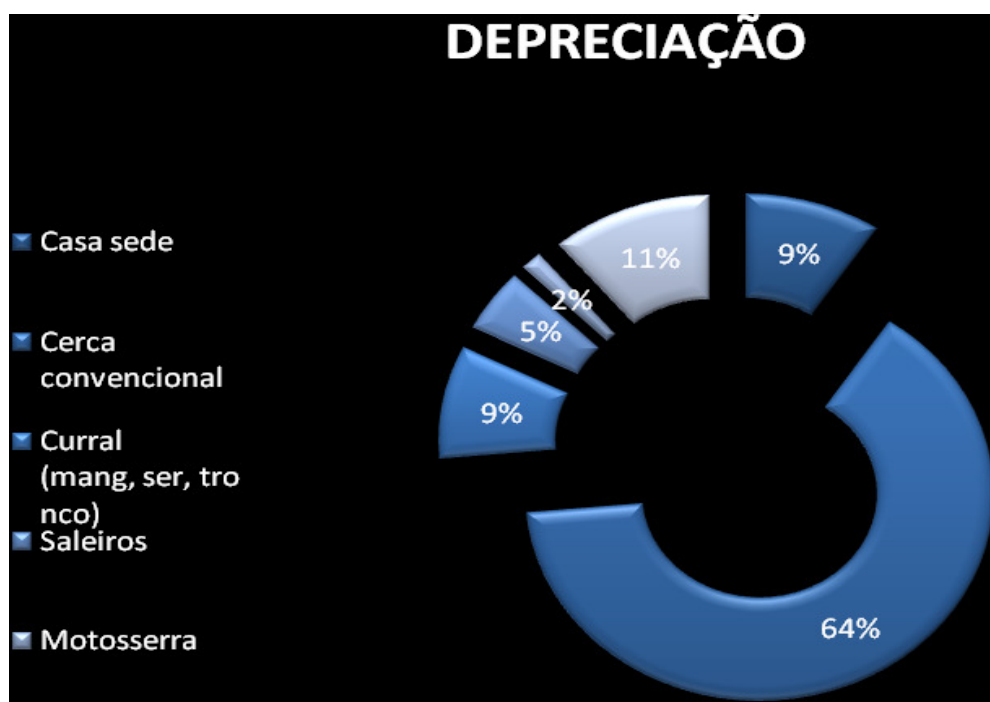


GRÁFICO 1 - Depreciação

Fonte: dados da pesquisa, 2009.

Conforme abordado anteriormente a depreciação é composto pela Benfeitoria e Equipamento. Observando na TABELA 6, é possível visualizar que a Benfeitorias responde por R\$ 9.365,00, e os equipamentos por R\$ 1.360,00. Pode-se também observar que 64% da depreciação estão ligados as cercas convencionais e 11% as selarias.

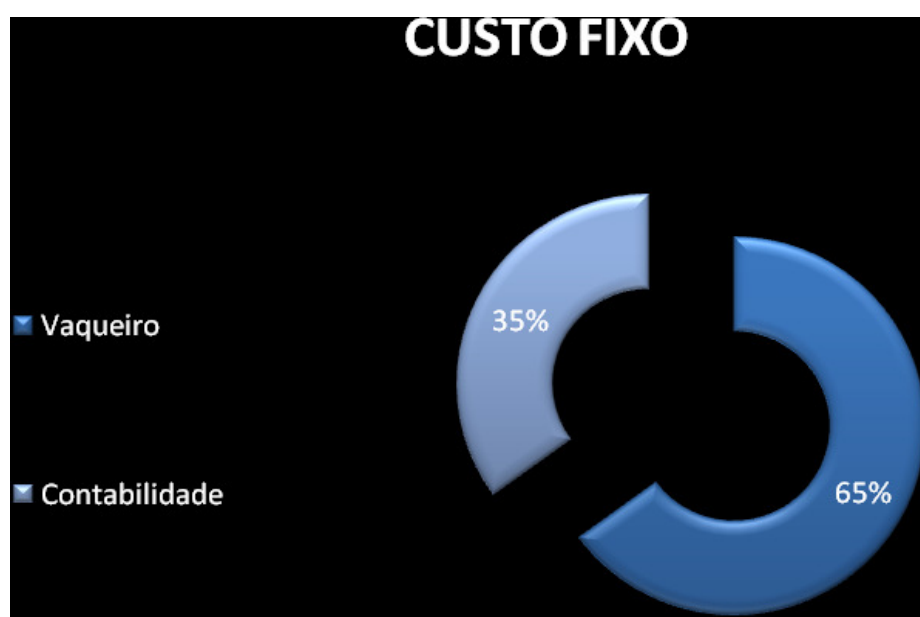


GRÁFICO 2 – Custos Fixos

Fonte: dados da pesquisa, 2009.

Conforme demonstrado anteriormente os custos fixos é composto pela mão-de-obra (vaqueiro), e os honorário (contábeis), pode assim ser evidenciado que 65% dos custos fixos esta ligado diretamente na mão-de-obra do vaqueiro e que 35% esta direcionado aos honorários contábeis.

. Observando na TABELA 6, é possível visualizar que a mão-de-obra (vaqueiro) responde R\$ 7.800,00, e os honorários (contábeis) R\$ 4.200,0

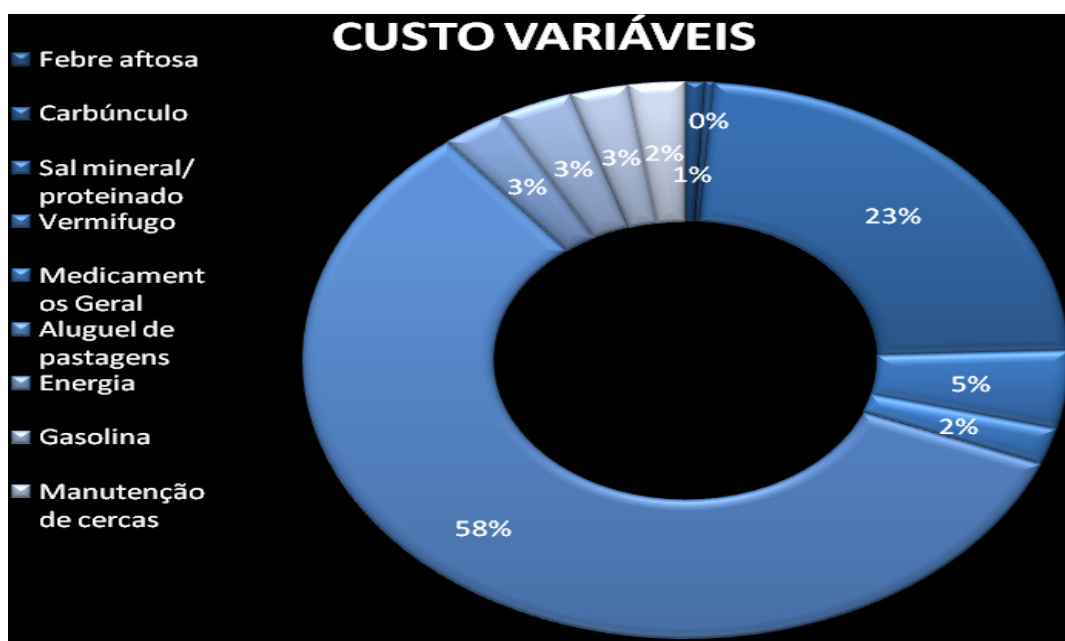


GRÁFICO 3 – Custos Variáveis  
Fonte: dados da pesquisa, 2009.

Conforme demonstrado anteriormente os custos variáveis que são as vacinas, os suplementos minerais e proteinado, vermífugos, o aluguel do pasto, lubrificantes e combustíveis.

De acordo com o gráfico demonstrado 61% dos custos é o aluguel representando assim a maior parcela dos custos, e com 24% estão os suplementos minerais e proteinado.

TABELA 7 - Custos de Produção do Sítio União Caiabi

| <b>Especificação</b>           | <b>Bezo. 12-24</b> |
|--------------------------------|--------------------|
| Valor do bezerro inicial       | 390,00             |
| Num. Cabeças inicial           | 200,00             |
| Custo do bezerro recém nascido | 78.000,00          |
| Custo variável                 | 29110,00           |
| Sub-total - Custo variável     | 107110,00          |
| Custo Variável unitário        | 535,55             |
| Sub-total - Custo fixo         | 12.000,00          |
| Total                          | 119.110,00         |
| Cabeças final                  | 200,00             |
| Custo unitário                 | 595,55             |
| Preço de mercado               | 550,00             |
| Faturamento                    | 110.000,00         |

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Ao analisar os impactos dos custos na rentabilidade da produção do gado de corte nelore importa ressaltar para que alcançar um patamar sustentável faz-se necessário analisar os seguintes aspectos:

- Margem de Contribuição:

$$MCU = PV - CDV$$

$$MCU = 550,00 - 535,55$$

$$MCU = 14,45$$

De acordo com a teoria a Margem de Contribuição, seria a contribuição que cada unidade de produto vendido oferece para a empresa para assim cobrir os custos fixos e as despesas fixas e formar o lucro. Então, podemos concluir que em cada cabeça de gado vendida, há uma Margem de Contribuição R\$ 14,45 a qual contribui para que o proprietário cubra seus custos fixos e suas despesas fixas e com o excedente obter o lucro.

- Ponto de Equilíbrio

$$PEq = \frac{CF}{MCU}$$

$$PEq = \frac{1000,00}{14,45}$$

$$PEq = 69$$

O Ponto de Equilíbrio é o encontro das receitas e das despesas, ou seja, as receitas e despesas são equivalentes, não tendo lucro e nem prejuízo. No caso do Sítio União Caiabi, o ponto de equilíbrio é atingido quando forem vendidas 69 cabeças. Neste ponto as receitas oriundas da venda servirão para cobrir todos os custos e despesas e cada unidade vendida acima do ponto de equilíbrio contribuirá para o lucro da atividade com o valor de R\$ 14,45, que é à margem de contribuição unitária.

- Margem de Segurança

$$MS = \frac{VO - EV}{VO}$$

$$MS = \frac{200 - 69}{200}$$

$$MS = 0,65 \times 100 = 65\%$$

A Margem de Segurança Operacional corresponde à quantidade de produtos ou valor de receita em que se opera acima do Ponto de Equilíbrio, ou seja, quanto mais acima do Ponto de Equilíbrio a empresa estiver operando, maior será sua Margem de Segurança de que eventuais quedas no faturamento não levarão o resultado operacional para o prejuízo.

Assim sendo, pode-se verificar que no caso do Sítio União Caiabi, para a estrutura de custos existente no momento, a Margem de Segurança em relação às vendas atuais é de 65%, ou seja, ainda que a receita atual caia 65%, ainda assim a

empresa não estará em prejuízo. Abaixo deste percentual iniciar-se-ão prejuízos crescentes.

- Alavancagem Operacional

$$\text{GAO: } \frac{1}{\text{MS}}$$

MS

$$\text{GAO: } \frac{1}{0,65}$$

0,65

$$\text{GAO: } 1,53$$

De acordo com a teoria, a Alavancagem Operacional, irá indicar a capacidade em que a empresa possui para aumentar os seus lucros com o acréscimo de venda e com apoio em determinado nível de custos operacionais fixos, ou seja, no caso do Sítio União Caiabi o GAO de 1,53 significa que, na atual estrutura de custos da empresa, cada aumento promovido no volume de vendas gera 1,53 pontos percentuais de aumento no resultado.

Analisando-se toda a estrutura de custos fixos e variáveis do Sítio Caiabi, observa-se que impacto mais expressivo foi dos custos variáveis, os quais podem ser controlados mediante a sua identificação e acompanhamento. Cite-se como exemplo o custo com a pastagem, o qual nesse estudo foi parametrizado a partir dos valores que seriam desembolsados caso o produtor realizasse o arrendamento do pasto.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi analisar os custos de produção do Sítio União Caiabi através da mensuração dos custos do lote de 200 cabeças de bovino da raça Nelore, de forma extensiva. Mostrando que a Contabilidade de Custos torna-se uma ferramenta de gerenciamento que auxilia nas decisões.

A partir desse momento a contabilidade de custos identifica os maiores custos de produção, através de planilhas financeiras, e com isso fazer uma avaliação da possibilidade de redução destes custos, podendo assim planejar estratégias futuras e garantir a perpetuação da empresa na atividade. Sendo assim, confirma-se a primeira hipótese a qual diz que a Contabilidade de Custos possui instrumentos que contribuem para o processo decisório direto e para uma melhor produtividade da pecuária do gado de corte nelore. Já a segunda hipótese poderá ser descartada, onde ela diz que os instrumentos da Contabilidade de Custos não são suficientes para subsidiar o processo decisório na pecuária do gado de corte nelore, ao fato de que são essenciais as informações sobre os custos da propriedade.

Podendo concluir que este trabalho apresentou um modelo de planilha que se utilizada de maneira correta facilitará não somente a vida do proprietário do Sítio União Caiabi, mas dos médios e grandes proprietários, para assim gerenciar de maneira correta a atividade da pecuária de corte. Verificou-se que a Contabilidade de Custos proporciona ainda um controle de maneira mais segura para tomar decisões.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de agronegócio**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. **Pecuária Brasileira**. Disponível em: <[http://www.abiec.com.br/3\\_pecuaria.asp](http://www.abiec.com.br/3_pecuaria.asp)>. Acesso em: 20/09/2009.

AGRO CARNE. <<http://www.agrocarnes.com.br/carnes.htm>>. Acesso em: 24/11/2009.

BATALHA, Mario Otavio. **Gestão Agroindustrial**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 2007.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Alcindo. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall 2002.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade gerencial: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural: uma abordagem Decisorial**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Curso básico de contabilidade de custo**. 3. .ed. São Paulo: Atlas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade Gerencial: teoria e pratica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral**. 23. .ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FACHIN, Odila. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FAMATO. Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Mato Grosso Instituto Mato-Grossense de Economia Agrícola. Disponível em: <[http://www.famato.org.br/site/arquivos/0901\\_RMB.pdf](http://www.famato.org.br/site/arquivos/0901_RMB.pdf)> Acesso em: 20/09/2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. .ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios: Pecuária: criação de gado e ovelhas são destaque no Estado**. Disponível em: <<http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=63&cid=2423>>. Acesso em: 15/08/2009.

IUDÍCIUS, Sergio de. MARION, José Calos. **Introdução à teoria da contabilidade para nível de graduação**. 4. .ed. São Paulo: Atlas, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 20/09/2009.

INDEA – Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso. Disponível em: <[www.indeamt.gov.br](http://www.indeamt.gov.br)>. Acesso em 08/10/2009.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica**. 6. .ed. São Paulo: Atlas 2006.

\_\_\_\_\_. **Metodologia científica**. 4. .ed. São Paulo: Atlas 2004.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos: planejamento, implementação e controle**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LEONE, George Sebastião Guerra. LEONE, Rodrigo José Guerra. **Dicionário de Custos**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARION, José Carlos. **Contabilidade de Pecuária**. 8. .ed. – São Paulo: Atlas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade rural**: contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária, imposto de renda pessoa jurídica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade básica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custo**. 9. .ed. São Paulo: Atlas 2006.

MEGLIORINI, Evandir. **Custos: análise e gestão**. – 2. Ed. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MEISTER, Luiz Carlos. et al. **Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (FAMATO) e Fundo de Apoio a Bovinocultura de Corte (FABOV). Diagnóstico da Cadeia Produtiva Agroindustrial da Bovinocultura de Corte do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, outubro de 2007.

MEISTER, Luiz Carlos. **Setor tenta definir regras da "Moratória da Carne"**. Disponível em:

<http://www.beefpoint.com.br/?actA=9&erroN=1&areaID=72&referenciaURL=noticiaID=57477||actA=7||areaID=15||secaoID=166.>> Acesso em: 12/08/2009.

PADOVEZE, Clóvis Luís, **Controladoria Estratégica e Operacional: conceito, estrutura, aplicação**. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade Básica Fácil**. 24. ed. São Paulo: Saraiva 2003.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade de Custos**. .ed.São Paulo: Saraiva 2009.

REIS, Arnaldo Carlos de Rezende. **Demonstrações Contábeis: estrutura e análise**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científica**. 22.e.d. São Paulo: Cortez, 2002.

ROCHA, Délcio César Cordeiro. Zootecnia Brasil.

<http://www.zootecniabrasil.com.br/sistema/modules/news/article.php?storyid=389>>. Acesso em 24/11/2009.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da Pesquisa Aplicada à Contabilidade**: orientações de estudo, projetos, artigos, relatório, monografia, dissertações, tese. 2. .ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SZUSTER, Natan. CARDOSO, Ricardo Lopes. **Contabilidade geral: introdução à contabilidade societária**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

VANDERBECK, Edward J. NAGY, Charles F; Tradução Robert Brian Taylor. **Contabilidade de Custos**. 11º ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

## APÊNDICES

TABELA 8 - Depreciação 12 - 24 Meses

| TIPO                       | ESPECIFICAÇÃO             | VALOR              | QTDE  | VIDA UTIL EM ANO | DEPRECIAÇÃO | TOTAL PECUÁRIA   |
|----------------------------|---------------------------|--------------------|-------|------------------|-------------|------------------|
| <b>CUSTO</b>               | <b>TOTAL</b>              | <b>OPERACIONAL</b> |       |                  |             | <b>10.725,00</b> |
| <b>DEPERIAÇÃO</b>          |                           |                    |       |                  |             | <b>9.365,00</b>  |
| Casa sede                  | Madeira                   | 25.000,00          | 1     | 25               | 4,00%       | 1.000,00         |
| Cerca convencional         | Arame Liso 5 fios x 13,78 | 5.000,00           | 13,78 | 15               | 10%         | 6.890,00         |
| Curral (mang, ser, tronco) | Madeira                   | 9.500,00           | 1     | 15               | 10%         | 950,00           |
| Saleiros                   | Madeira Cobertos          | 750,00             | 7     | 15               | 10%         | 525,00           |
| <b>Equipamento</b>         |                           |                    |       |                  |             | <b>1.360,00</b>  |
| Motosserra                 |                           | 1.600,00           | 1     | 10               | 10%         | 160,00           |
| Selaria                    |                           | 1.500,00           | 4     | 5                | 20%         | 1.200,00         |

Fonte: dados da pesquisa, 2009.

TABELA 9 – Custos Fixos 12 - 24 Meses

| TIPO                 | UNIDADE      | QTDE               | MÊS    | TOTAL NO ANO | TOTAL NA PECUÁRIA | %               |
|----------------------|--------------|--------------------|--------|--------------|-------------------|-----------------|
| <b>CUSTO</b>         | <b>TOTAL</b> | <b>OPERACIONAL</b> |        |              | <b>12.000,00</b>  | <b>57835,00</b> |
| <b>Custos Fixos</b>  |              |                    |        |              | 12.000,00         | 20,75           |
| <b>Mão de Obra</b>   |              |                    |        |              | 7.800,00          | 13,49           |
| Vaqueiro             | Mensal       | 1                  | 650,00 | 7.800,00     | 7.800,00          | 13,49           |
| <b>ADMINISTRAÇÃO</b> |              |                    |        |              | 4.200,00          | 7,26            |
| Contabilidade        | Mensal       | 1                  | 350    | 4.200,00     | 4.200,00          | 7,26            |

Fonte: dados da pesquisa, 2009.

TABELA 10 – Custos Variável 12 - 24 Meses

| CUSTOS OPERACIONAL EFETIVO         | TOTAL DE ANIMAIS | MEDIDA           | UNIDADE    | R\$/MEDIO    | DOSE POR ANIMAL | R\$/DOSE | APLICAÇÃO NO ANO | TOTAL PECUARIA  | %               |
|------------------------------------|------------------|------------------|------------|--------------|-----------------|----------|------------------|-----------------|-----------------|
| <b>CUSTOS VARIÁVEIS</b>            |                  |                  |            |              |                 |          |                  |                 | <b>57835,00</b> |
|                                    |                  |                  |            |              |                 |          |                  | <b>29110,00</b> | <b>50,33</b>    |
| <b>INSUMOS VACINA</b>              |                  |                  |            |              |                 |          |                  | <b>360,00</b>   | <b>0,62</b>     |
| Febre aftosa                       | 200,00           | Dose por animal  | por animal |              | 5ml             | 1,20     | 1                | 240,00          | 0,41            |
| Carbúnculo                         | 200,00           | Dose por animal  | por animal |              | 3ml             | 0,60     | 1                | 120,00          | 0,21            |
| <b>INSUMO SUPLEMENTAÇÃO</b>        |                  |                  |            | <b>36,00</b> |                 |          |                  | <b>7200,00</b>  | <b>12,45</b>    |
| Sal mineral/proteinado             | 200,00           | Saco 30 Kg       | por animal |              |                 | 3,00     | 12               | 7200,00         | 12,45           |
| <b>INSUMO CONTROLE PARASITÓRIO</b> |                  |                  |            |              |                 |          |                  | <b>1400,00</b>  | <b>2,42</b>     |
| Vermifugo                          | 200,00           | frasco c/ 1000ml | por animal | 155,00       |                 | 3,50     | 2                | 1400,00         | 2,42            |
| <b>Diversos</b>                    |                  |                  | por animal |              |                 |          |                  | <b>650,00</b>   | <b>1,12</b>     |
| Medicamentos Geral                 |                  |                  | po ano     | 650,00       |                 | 650,00   |                  | 650,00          | 1,12            |
| <b>ALUGUEL</b>                     |                  |                  |            |              |                 |          |                  | <b>18000,00</b> | <b>31,12</b>    |
| Aluguel de pastagens               | 200,00           | por animal       | por animal | 7,50         |                 | 7,50     | 12               | 18000,00        | 31,12           |
| <b>DIVERSOS</b>                    |                  |                  |            |              |                 |          |                  | <b>1800,00</b>  | <b>3,11</b>     |
| Energia                            | KWH              |                  |            |              |                 |          | 12               | 840,00          | 1,45            |
| Gasolina                           | LT               | 300              |            |              |                 |          | 12               | 960,00          | 1,66            |
| <b>MANUTENÇÃO</b>                  |                  |                  |            |              |                 |          |                  | <b>1500,00</b>  | <b>2,59</b>     |
| Manutenção de cercas               | 200              | R\$ 1.500,00     |            | 750,00       |                 | R\$ 3,75 | 1                | 750,00          | 1,30            |
| Manutenção de pasto                | 200              | R\$ 1.500,00     |            | 750,00       |                 | R\$ 3,75 | 1                | 750,00          | 1,30            |

Fonte: dados da pesquisa, 2009.

TABELA 11 – Custo de Produção 12 - 24 Meses

| <b>DISCRIMINAÇÃO</b>                     | <b>TOTAL PECUÁRIA</b> |
|------------------------------------------|-----------------------|
| <b>CUSTO TOTAL</b>                       | <b>57.835,00</b>      |
| <b>CUSTO OPERACIONAL TOTAL</b>           | <b>57.835,00</b>      |
| <b>DEPERIAÇÃO</b>                        | <b>10.725,00</b>      |
| <b>BENFEITORIA</b>                       | <b>9.365,00</b>       |
| Casa sede                                | 1.000,00              |
| Cerca convencional                       | 6.890,00              |
| Curral (mang, ser, tronco)               | 950,00                |
| Saleiros                                 | 525,00                |
| <b>EQUIPAMENTOS</b>                      | <b>1.360,00</b>       |
| Motosserra                               | 160,00                |
| Selaria                                  | 1.200,00              |
| <b>CUSTO OPERACIONAL EFETIVO</b>         | <b>47.110,00</b>      |
| <b>CUSTO FIXOS</b>                       | <b>12.000,00</b>      |
| <b>MÃO - DE - OBRA</b>                   | <b>7.800,00</b>       |
| Vaqueiro                                 | 7.800,00              |
| <b>ADMINISTRAÇÃO</b>                     | <b>4200,00</b>        |
| Contabilidade                            | 4200,00               |
| <b>CUSTOS VARIÁVEIS</b>                  | <b>35.110,00</b>      |
| <b>INSUMOS VACINA</b>                    | <b>360,00</b>         |
| Febre aftosa                             | 240,00                |
| Carbúnculo                               | 120,00                |
| <b>INSUMO SUPLEMENTAÇÃO</b>              | <b>7.200,00</b>       |
| Sal mineral/ proteinado                  | 7.200,00              |
| <b>INSUMO CONTROLE PARASITARIO</b>       | <b>1.400,00</b>       |
| Vermifugo                                | 1.400,00              |
| <b>DIVERSOS</b>                          | <b>650,00</b>         |
| Medicamentos Geral - Antibióticos (cria) | 650,00                |
| <b>ALUGUEL</b>                           | <b>18.000,00</b>      |
| Aluguel de pastagens                     | 18.000,00             |
| <b>DIVERSOS</b>                          | <b>1.800,00</b>       |
| Energia                                  | 840,00                |
| Gasolina                                 | 960,00                |
| <b>MANUTENÇÃO</b>                        | <b>1.500,00</b>       |
| Manutenção de cercas                     | 750,00                |
| Manutenção de pasto                      | 750,00                |

Fonte: dados da pesquisa, 2009.

TABELA 12 – Custo de Produção 12 - 24 Meses

| <b>Especificação</b>           | <b>Bezo. 12-24</b> |
|--------------------------------|--------------------|
| Valor do bezerro inicial       | 390,00             |
| Num. Cabeças inicial           | 200,00             |
| Custo do bezerro recém nascido | 78.000,00          |
| Custo variável                 | 29110,00           |
| Sub-total - Custo variável     | 107110,00          |
| Custo Variável unitário        | 535,55             |
| Sub-total - Custo fixo         | 12.000,00          |
| Total                          | 119.110,00         |
| Cabeças final                  | 200,00             |
| Custo unitário                 | 595,55             |
| Preço de mercado               | 550,00             |
| Faturamento                    | 110.000,00         |

Fonte: dados da pesquisa, 2009.